

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GEOVANNA BRUGIN GOMES CORREA

TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO NO PENSAMENTO DA CEPAL

CURITIBA

2018

GEOVANNA BRUGIN GOMES CORREA

TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO NO PENSAMENTO DA CEPAL.

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Ciências Econômicas, Setor de Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carolina Bagattolli

CURITIBA  
2018

## TERMO DE APROVAÇÃO

GEOVANNA BRUGIN GOMES CORREA

TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO NO PENSAMENTO DA CEPAL.

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Ciências Econômicas, Setor de Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Bagattolli  
Departamento de Economia, UFPR.

Prof.<sup>o</sup> Dr. <sup>o</sup> Marcos Paulo Fuck  
Departamento de Economia, UFPR.

Prof.<sup>o</sup> Dr. <sup>o</sup> Fernando Motta Correia  
Departamento de Economia, UFPR

Curitiba, 30 de novembro de 2018.

Dedico este trabalho àqueles que  
acreditam que a educação pode mudar as  
pessoas e o mundo.

## RESUMO

Este estudo tem por objetivo verificar e identificar, a partir do pensamento dos autores cepalinos, qual a relação entre desenvolvimento tecnológico e socioeconômico nos países da América Latina. Para tanto, a análise foi focada em textos clássicos da CEPAL, republicados na coletânea intitulada *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*, seguida da leitura de análises complementares. Constatou-se que há um alinhamento entre desenvolvimento tecnológico endógeno com a diminuição das disparidades de renda e desigualdade nos países periféricos no pensamento dos autores expoentes. Contudo, a maior parte dos autores constatam que ainda existem traços de dependência na América Latina devido, principalmente, à maneira como ocorreu o processo de industrialização nesses países. Isso reforça o caráter de dependência econômica e também a dependência tecnológica, limitando o potencial do desenvolvimento tecnológico para o desenvolvimento local.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento tecnológico e socioeconômico. Industrialização. CEPAL.

## ABSTRACT

This study aims to verify and identify, from the thinking of the ECLAC authors, the relationship between technological and socioeconomic development in the countries of Latin America. For that, the analysis was focused on classic ECLAC texts, republished in the collection titled *Fifty Years of Thinking in ECLAC*, followed by the reading of complementary analyzes. It was found that there is an alignment between endogenous technological development and the reduction of income disparities and inequality in peripheral countries in the thinking of the leading authors. However, most authors note that there are still traces of dependence in Latin America due mainly to the way the industrialization process occurred in these countries. This reinforces the character of economic dependence and also technological dependence, limiting the potential of technological development to local development.

**Key-words:** Technological and socioeconomic development. Industrialization. ECLAC.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pensamento de Raúl Prebisch .....	29
Figura 2 - Pensamento Celso Furtado .....	32
Figura 3 - Pensamento Aníbal Pinto .....	35
Figura 4 - Pensamento Osvaldo Sunkel .....	37
Figura 5 - Pensamento Maria da Conceição Tavares .....	40
Figura 6 - Pensamento Fernando Fajnzylber .....	42
Figura 7 - Produtividade do Trabalho e Estrutura Produtiva do Centro e da Periferia .....	43

## **LISTA DE SIGLAS**

CEPAL	– Comissão Econômica para América Latina e Caribe
BNDE	– Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social
FMI	– Fundo Monetário Internacional
ILPES	– Instituto Latino Americano de Planejamento Econômico e Social
ONU	– Organização das Nações Unidas



## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
1.1	OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA.....	12
<b>2.</b>	<b>CEPAL.....</b>	<b>13</b>
<b>3.</b>	<b>MUDANÇAS NO PENSAMENTO CEPALINO .....</b>	<b>18</b>
<b>4.</b>	<b>O PAPEL ATRIBUÍDO À TECNOLOGIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>22</b>
4.1	TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO NO PENSAMENTO DOS AUTORES CEPALINOS.....	24
<b>5.</b>	<b>A INFLUÊNCIA DA ABORDAGEM CEPALINA SOBRE TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO NO PENSAMENTO DE AUTORES NÃO CLÁSSICOS.....</b>	<b>42</b>
<b>6.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>

## 1. INTRODUÇÃO

É fato que os países latino-americanos sofreram com o sistema de exploração colonial mantido pelos países europeus, nos moldes do mercantilismo, durante mais de três séculos. Se especializaram em produtos primários para a exportação, deixando-os em desvantagem na divisão internacional do trabalho, em relação a Europa e aos Estados Unidos. Em decorrência, os países da região passaram a ter problemas como a deterioração dos termos de troca e preços inelásticos dos produtos exportados. Neste esquema, cabia a América Latina, como parte da periferia do sistema econômico mundial, o papel específico de produzir alimentos e matérias-primas para os grandes centros industriais (PREBISCH, 1949).

Além da divisão internacional do trabalho, desde meados do século XX, outro fator passa a ser enfatizado como explicativo desta separação entre centro e periferia: o progresso técnico. Até então prevalecia a leitura de que, segundo a premissa da divisão internacional do trabalho, os benefícios econômicos, frutos do progresso técnico, se distribuiriam de maneira equitativa por todo conjunto – seja através da queda de preços ou do aumento correspondente da renda. Com isso, os países de produção primária conseguiriam parte deste fruto, não precisando industrializar-se. No entanto, a partir deste momento a teoria econômica começa a identificar que a repartição dos frutos do progresso técnico não chega à periferia na mesma medida à dos grandes centros, gerando diferenças nos padrões de vida das massas (PREBISCH, 1949).

O questionamento da repartição dos frutos do progresso técnico se iniciou no âmbito da CEPAL, centro de pensamento de destaque na segunda metade do século XX. O argumento é que a divisão internacional do trabalho se constituía como a principal responsável pelo subdesenvolvimento das regiões periféricas. Para Prebisch (1949), a divisão internacional do trabalho, entre centro e periferia, promoveria uma deterioração dos termos de troca, desfavorecendo os países subdesenvolvidos, pois os preços dos produtos industrializados apresentavam forte rigidez à baixa (CURADO, 2013). Ou seja, haveria uma dualidade que surge com a Revolução Industrial no processo de propagação do progresso técnico, pois enquanto o centro incorpora novas tecnologias, as economias periféricas precisavam importar tecnologia do

centro, tornando-as desarticuladas. Com isso, a “solução” para o subdesenvolvimento se daria a partir do processo de industrialização – o qual superaria a restrição externa imposta ao crescimento dos países periféricos (GONÇALVES, 2015).

Diante disso, este trabalho tem como objetivo principal analisar a relação entre desenvolvimento tecnológico<sup>1</sup> e desenvolvimento socioeconômico no pensamento da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), entre o período de 1950 a 2000. Embora abundem trabalhos sobre a perspectiva de desenvolvimento no pensamento cepalino, o recorte mais específico sobre o papel do desenvolvimento tecnológico neste processo é muito menos abordado.

Para alcançar este objetivo, foi utilizado, como procedimento metodológico, leitura analítica da produção de pensadores expoentes da instituição, principalmente aqueles com trabalhos republicados na coletânea “*Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*”, organizada por Ricardo Bielschowsky (2000). Tal coletânea serviu de orientação para a seleção de textos que abordavam simultaneamente os temas desenvolvimento, tecnologia e industrialização.

Este iniciou após a leitura de textos de Raúl Prebisch, um dos fundadores da CEPAL e um dos seus pensadores mais proeminentes. Em seus textos, ele desenvolveu a relação e o conceito de centro-periferia partindo da constatação da deterioração dos termos de troca entre os países latino-americanos e os centrais, apontando a relação entre desenvolvimento tecnológico e industrial. A escolha dos outros autores e textos utilizados para a execução do trabalho, se deu considerando os demais pensadores cepalinos, que também abordam tal relação. A coletânea de Ricardo Bielschowsky (2000) foi a base para a pesquisa, a qual se expandiu para outros livros e artigos que abordam a mesma linha de pensamento e raciocínio dos autores selecionados.

A escolha dos autores se deu, principalmente, pelo recorte da coletânea, que, por sua vez, reuniu os textos considerados seminais no pensamento cepalino ao longo de cinco décadas. Dentre eles destacam-se, como já mencionado, Raúl Prebisch, intelectual argentino que iniciou a linha estruturalista do pensamento econômico, seguido de Celso Furtado, economista brasileiro que desenvolveu ideias sobre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento enfatizando o papel do Estado na

---

<sup>1</sup> Novas tecnologias frutos do avanço da capacidade inovativa do ser humano.

economia. Aníbal Pinto, que também fez parte das origens da escola estruturalista latino-americana, com sua crítica sobre o comércio multilateral e a livre conversibilidade das moedas. Igualmente relevante é o trabalho de Maria da Conceição Tavares, que foi influenciada, principalmente, por Aníbal Pinto e Celso Furtado. A autora destacou-se com sua obra *“Auge e declínio do processo de substituição de importações no Brasil – da substituição de importações ao capitalismo financeiro”* (1969). Também merecem menção os trabalhos de Osvaldo Sunkel, centrados nos estudos sobre desenvolvimento econômico, integração latino-americana e relações internacionais. José Medina Echavarría, sociólogo com obras bastante reconhecidas como *“Aspectos sociais do desenvolvimento econômico”* (1959) e *“Considerações sociológicas do desenvolvimento econômico”* (1963), foi um autor seminal para o campo da sociologia do desenvolvimento latino-americano. Mesmo com apenas um texto na coletânea, Jorge Graciarena e Marshall Wolfe, contribuíram para o debate com seus trabalhos, respectivamente, *“Poder e estilos de desenvolvimento: uma perspectiva heterodoxa”* (2000) e *“Abordagens do desenvolvimento: de quem e para quê?”* (2000). Assim como Fernando Fajnzylber, com o seu trabalho *“Industrialização na América Latina: da “caixa-preta” ao “conjunto vazio”*” (1989) – que complementa e conclui toda a ideia referente ao pensamento cepalino durante as décadas de 1950 até 1990.

Alguns autores desta mesma coletânea foram excluídos da análise pelo fato de, em suas obras, tratarem de assuntos que, embora de alguma maneira relacionados ao desenvolvimento tecnológico e industrial, centravam seu enfoque em outras questões que não a relação entre desenvolvimento tecnológico autônomo e desenvolvimento econômico. Um exemplo é o autor Fernando Henrique Cardoso, o qual escreveu, em parceria com Enzo Faletto, o texto amplamente conhecido: *“Dependência e desenvolvimento na América Latina”* (1996) – uma crítica ao pensamento original da CEPAL. Cardoso e Faletto fazem uma discussão acerca do desenvolvimento como um processo social da região da América Latina. No entanto, não levam em consideração a relação tecnologia-industrialização-desenvolvimento, três elementos básicos de análise do trabalho. Juan F. Noyola Vásquez é outro exemplo claro, com o seu trabalho *“Inflação e desenvolvimento econômico no Chile e no México”* (1957). Em suma, trabalhos cuja abordagem não se centravam na

discussão sobre as relações entre desenvolvimento tecnológico, industrialização e desenvolvimento latino-americano, foram deixadas de fora da análise.

### 1.1. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

O objetivo geral do trabalho é identificar a importância atribuída ao desenvolvimento tecnológico autônomo para a superação da desigualdade entre centro e periferia pelos pensadores da CEPAL.

Como objetivos específicos, destacam-se:

- a) Analisar os objetivos utilizados pela CEPAL para alcançar o desenvolvimento tecnológico endógeno<sup>2</sup> da América Latina;
- b) Apontar a maneira com que os estudos dos autores cepalinos ajudaram a contextualizar a relação de periferia que a América Latina tinha com o resto do mundo.

Esta análise é de grande importância e relevância pois, estudos acerca dos problemas enfrentados pelos países latino-americanos foram a base para a proposta de criação da CEPAL em 1948, com destaque para as contribuições de Raúl Prebisch – que construiu um conjunto de teorias, propostas e explicações para o fenômeno do subdesenvolvimento latino-americano. (GONÇALVES, 2015).

Embora não se trate de um debate recente, este se torna relevante pelo fato de existir ainda poucos trabalhos dedicados a olhar a contribuição do pensamento cepalino exclusivamente pela questão do desenvolvimento tecnológico autônomo e sua colaboração, via indústria local, para o desenvolvimento socioeconômico da região.

O trabalho se divide em seis capítulos, onde se introduz o início da teoria da CEPAL e como mudou no decorrer dos anos, estuda-se o pensamento dos autores cepalinos acerca da relação entre tecnologia e desenvolvimento, entende-se como tais argumentos influenciam em outros autores e por fim, conclui-se a importância do desenvolvimento socioeconômico e tecnológico local para a América Latina.

---

<sup>2</sup> Que se origina do interior do sistema, ou por fatores internos.

## **2. A COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL)**

O processo de industrialização que iniciou na Inglaterra no final do século XVIII e início do século XIX, se expandiu para a Europa, Estados Unidos, Japão e Canadá, ficando conhecido como a Primeira Revolução Industrial (POLANYI, 2013). Quase cem anos após a Revolução, Argentina, México, Brasil e Uruguai eram os países da América Latina com os cenários mais favoráveis, em relação aos demais países do continente, na produção industrial. Contudo, essas economias locais ainda eram baseadas na aliança entre o latifúndio e a burguesia comercial, que remetiam aos países latino-americanos traços coloniais, com uma condução da política econômica de livre câmbio, atrelado ao Padrão Ouro e com raras intervenções diretas do Estado na Economia (CANO, 2009).

Na década de 1920 houve uma “ruptura com o passado”, ocasionando uma transição das estruturas econômicas, políticas e sociais, as quais são reforçadas com a Crise de 1929. A partir deste momento, os países da região começam a perder suas características coloniais de maneira acentuada, gerando uma alteração no padrão de acumulação e instaurando um efetivo processo de industrialização e urbanização nos países latino-americanos. Ainda assim, a América Latina continuava sendo fundamentalmente primária exportadora e de grau iniciante de industrialização, existindo uma alta dependência econômica dos Estados Unidos (Idem).

A Crise de 1929 reduziu o volume das exportações e importações, afetando significativamente as finanças públicas, pois a base fiscal dos estados nacionais estava lastreada nos impostos sobre o comércio exterior. Com a queda na capacidade para importar, a redução do financiamento externo e a rápida fuga de capitais externos, teve como consequência um rápido e significativo aprofundamento do desequilíbrio cambial (Ibidem, p. 604).

Com isso, países como Brasil, Argentina, México, Chile e Colômbia reagiram à crise a partir de mudanças institucionais e políticas geradas por meio de eleições, golpes ou revoluções. Os governos mudaram a condução política e econômica de seus países, abandonando o padrão-ouro e instituindo fortes controles de câmbio e de comércio exterior para deixar para trás o livre câmbio. Praticaram também moratórias na dívida externa e deram início a construção de um estado

intervencionista, com uma política de desenvolvimento, gerando um avanço tanto na urbanização quanto na industrialização dos países (Ibidem, p.605).

Após a Segunda Guerra Mundial, começaram a surgir teorias com o intuito de analisar o quadro da economia da América Latina e a sua relação com o resto do mundo. Dentre elas a chamada Teoria do Desenvolvimento, que tinha como papel principal a conscientização do abismo que o processo de descolonização causou entre um grupo de países que concentram riqueza material daquele que detêm o conhecimento científico-técnico (DUARTE, GRACIOLLI, 2007). É dentro desta teoria que surge a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) em 1948, com o intuito de realizar análises sobre a realidade econômica e social, além de monitorar as políticas direcionadas à promoção do desenvolvimento econômico da região latino-americana e fundar uma base institucional, que criasse condições de desenvolvimento para os países da região, defendendo que a América Latina só se desenvolveria a partir de um aparato industrial orientado pela ação do Estado (Idem, 2007).

Esse foi o único centro intelectual capaz de gerar um enfoque analítico político próprio, e que, por muito tempo, permaneceu desconhecida pelo fato de seu público-alvo ser os *policy-makers*<sup>3</sup> da América Latina (CEPAL, 1998). Surge com uma formulação teórica independente, questionando a concepção clássica de que a periferia não poderia tomar frente da sua própria realidade. Esta estava em consonância com os princípios de Economia Política e a interpretação referente ao comércio internacional de David Ricardo, para quem, “não haveria espaço para a industrialização dos países que emergiram do Antigo Sistema Colonial, pois a especialização produtiva que havia sido forjada no período colonial iria beneficiar todos os países conectados à divisão internacional do trabalho” (DOS SANTOS, 2011, p.56).

Em 1949, Raúl Prebisch, em seu texto *El desarrollo económico de América Latina y algunos de sus principales problemas*, contestava este argumento, dizendo que, por mais inquestionável que fosse o raciocínio sobre as vantagens econômicas da divisão internacional do trabalho, esquecia-se que o mesmo era baseado em uma

---

<sup>3</sup> Palavra em inglês que designa os formuladores e gestores de políticas públicas, normalmente ligados ao Poder Executivo.

premissa estritamente contraditória dos fatos – a de que o progresso técnico tende a se distribuir igualmente, seja pela queda de preços ou pelo aumento equivalente da renda. E, através disso, os países de produção primária obteriam a sua participação. O equívoco estava na consideração de que a troca internacional repartiria igualmente entre todas as sociedades os frutos do progresso técnico (Idem, 1949).

Diante da leitura, sobre a divisão internacional do trabalho, Prebisch começou a desenvolver estudos chegando à conclusão de que os Estados Unidos desempenhavam o papel do centro cíclico principal em todo o mundo pois, deste país, partiam os impulsos de expansão e contração da vida econômica mundial – especialmente na periferia latino-americana, cujos países estão sujeitos às influências destes impulsos. Prebisch acreditava em um movimento cíclico universal, porém, dividido em diferentes fases e características de acordo com cada país. A dinâmica entre todos os países do globo constituiria um único movimento. Através desta análise, surge o conceito que desencadeou a principal teoria de Prebisch: o sistema centro-periferia. Entendia-se por Centro os países desenvolvidos produtores de bens manufaturados, e, por Periferia, os países que participavam da divisão internacional do trabalho como fornecedores de insumos, matérias-primas e produtos agrícolas – ou seja, países que estavam em desenvolvimento ou subdesenvolvidos (COUTO, 2007).

Com isso, a CEPAL começou a formular propostas baseadas no método histórico-estruturalista de análise, fundamentado no argumento de que o subdesenvolvimento era parte do processo histórico do desenvolvimento e ambos seriam parte de um mesmo fenômeno. Assim, o desenvolvimento, para a CEPAL, não era considerado nem como crescimento, nem como etapa. “Ao contrário, reconhecia a simultaneidade histórica do desenvolvimento e do subdesenvolvimento, de forma que estes poderiam ser pensados como estruturas independentes que compõe um sistema único” (DOS SANTOS, 2011, p.60).

Outros três conceitos construíram essa perspectiva cepalina: sistema, estrutura e processo. Onde, um conjunto de estruturas (econômica, social, política e cultural) vinculadas entre si, a partir de certas leis de funcionamento, configuram um sistema, nesse caso, o subdesenvolvimento. Este mesmo sistema é fase de um mesmo processo e não antítese do desenvolvimento (DOS SANTOS, 2011, [1970]). Ou seja,



o pensamento cepalino começou a postular o desenvolvimento e o subdesenvolvimento como situações de um mesmo processo global de desenvolvimento.

Tal processo faz analogia à lei do desenvolvimento desigual e combinado. Surgiu a partir de Karl Marx, o qual desenvolveu seus escritos antes da era imperialista<sup>4</sup>, com o intuito de demonstrar a maneira na qual uma forma de produção dominante exerce sua hegemonia sobre as outras (LÖWY, 1995). E ainda, tal formulação seria utilizada para “compreender a maneira de dominação que o capital exerce nas formações sociais onde subsistem relações pré-capitalistas: ele é a “luz universal” que modifica todas as outras “cores” econômicas e sociais” (idem, 1995, p.73). Em 1917 Trotsky fez sua reflexão acerca do assunto, tornando-a como a maior contribuição à teoria marxista. No entanto, diferente do texto de Marx, Trotsky tentava explicar as modificações e contradições econômicas e sociais do capitalismo periférico ou dominados pelo imperialismo (LÖWY, 1995). Para ele, se um país começa a se industrializar tardiamente, adotará as indústrias mais modernas existentes no momento, altamente desenvolvidas tecnologicamente, que irão conviver com formas econômicas tradicionais (BIANCHI, 2013).

A concepção do desenvolvimento desigual e combinado foi realizada a partir da análise do processo histórico de desenvolvimento do capitalismo russo, onde a Rússia atinge todos os estados de civilização, com a indústria mais concentrada da Europa sobre a base da agricultura mais primitiva. Com isso, o processo do desenvolvimento capitalista, foi criado pela união das condições locais (atrasadas) com as condições gerais (avançadas), fazendo com que o capital europeu deixasse de repetir o que foi feito em outros países, “saltando” as etapas intermediárias do seu crescimento “normal” e “orgânico” – manufatureiro, e passasse a se manifestar de maneira mais moderna e avançada: a grande indústria (BIANCHI, 2013). Sendo assim, há uma aproximação de ideias com o que aconteceu na Rússia na metade do século XIX, com as propostas formuladas pela CEPAL para com a América Latina.

Sendo parte de um processo global, como supracitado, o desenvolvimento passava a significar um processo de transformação estrutural. Ou seja, parte de um

---

<sup>4</sup> Imperialismo é a prática através da qual nações poderosas procuram ampliar e manter controle ou influencia sobre povos ou nações mais pobres. Procuravam efetivar políticas de expansão e domínio territorial, cultural ou econômico de seu país sobre outra ou varias regiões.

mesmo processo histórico universal, onde ambos são historicamente simultâneos e vinculados; isto é, interação e condicionam uns aos outros. E, neste sistema único concebido pelos cepalinos, a diferença estava na capacidade endógena de crescimento da estrutura desenvolvida, contra o caráter induzido da dinâmica da acumulação da estrutura subdesenvolvida (DOS SANTOS, 2011).

Tratando-se de um sistema único, histórico e estruturalmente determinado, e usando o modelo analítico centro-periferia de Prebisch, a questão do desequilíbrio externo se tornou um dos principais componentes das análises teóricas da CEPAL. Desencadeando a análise crítica da inserção da América Latina na divisão internacional do trabalho a partir da industrialização, pois essa seria a base para o desenvolvimento, sendo vista como parte essencial do processo dos países periféricos. Segundo a premissa da divisão internacional do trabalho, o progresso técnico dos centros iria se distribuir para a periferia pela baixa nos preços dos produtos manufaturados exportados, devido ao aumento da produtividade. Com a distribuição do progresso técnico para os países periféricos, os produtos primários exportados de menor produtividade, teriam um maior poder de compra, conforme evoluísse a técnica do centro, não cabendo a industrialização da periferia do sistema. No entanto, desde o final do século XIX, os preços dos produtos primários vinham se deteriorando em relação aos preços dos produtos manufaturados dos centros, ou seja, o progresso técnico tinha se concentrado nos países centrais (COUTO, 2007).

A dificuldade de alcançar o progresso técnico poderia ser reflexo de diferentes padrões entre uma concorrência de países periféricos e países de concorrência industrial. Isso é visto, principalmente, nos preços dos produtos impostos e vendidos por cada “setor”. Um exemplo está em 1929, quando, em meio ao cenário de crise, o preço do café despencou, enquanto os preços dos bens industriais praticamente não oscilaram, o que evidenciou uma disparidade nos termos de troca (PREBISCH, 1949). O esforço dos países subdesenvolvidos para vencer a desigualdade estabelecida no mercado mundial em seus termos de troca era praticamente em vão. Com isso, os países da América Latina desenvolviam uma dependência econômica e de subordinação às políticas industriais dos países desenvolvidos (Idem).

Outro exemplo é o caso dos Estados Unidos, que, mesmo com a crise, não apresentou queda de produtividade. Houve um aumento no salário dos trabalhadores,

gerando uma maior produtividade e reduzindo a jornada de trabalho. Com esse aumento na produtividade, o país progrediu com sua política protecionista, e se tornou importante para o mercado mundial. A partir do momento que os Estados Unidos adotaram essa política, os países latino-americanos tiveram uma baixa em seus salários reais, pois era absorvido pela deterioração dos termos de troca (Ibidem, p. 74). Segundo Prebisch (1949, p. 73),

A industrialização da América Latina não é incompatível com o desenvolvimento eficaz da produção primária. Pelo contrário, uma das condições essenciais para que o desenvolvimento da indústria possa ir cumprindo o objetivo social de elevar o padrão de vida é que se disponha dos melhores equipamentos em termos de maquinaria e instrumentos, e que se aproveite prontamente o progresso da técnica em sua renovação sistemática. A mecanização da agricultura implica a mesma exigência. Necessitamos de uma importação considerável de bens de capital e também precisamos exportar produtos primários para consegui-la.

Isto é, pode-se dizer que a atividade de um produtor primário tem sua relevância e os países com uma alta nesta produção não deveriam ser considerados menos desenvolvidos ou subordinados daqueles que apresentavam uma alta elasticidade dos produtos industriais, muito menos que havia a necessidade de uma ampla exportação de seus bens para seu desenvolvimento ser eficaz. Sendo assim, no pensamento cepalino, com a industrialização da América Latina, a especialização se daria não só na produção de bens primários, mas também na mão-de-obra (a qual não era escassa nesses países), além de aperfeiçoar os termos de troca dos países latino-americanos. Assim, iriam se tornar eficazes nas produções de seus bens e tenderiam a crescer, melhorando o desenvolvimento econômico na América Latina (PREBISCH, 1949).

### **3. MUDANÇAS NO PENSAMENTO CEPALINO**

Passados cinquenta anos desde a primeira publicação do texto de Prebisch (1949) na CEPAL, Ricardo Bielschowsky, a partir de textos já publicados, organizou um conjunto de proposições teóricas e de políticas econômicas sobre o desenvolvimento cepalino, o qual se refere às teses dos autores sobre a superação

do subdesenvolvimento latino-americano. Para este foi dado o nome “cinquenta anos de pensamento na CEPAL” (2000). Reunido em dois volumes, a publicação celebra o quinquênio da criação da entidade da ONU com textos clássicos dos grandes intelectuais como: Raúl Prebisch, Celso Furtado, Aníbal Pinto, José Medina Echavarría, Osvaldo Sunkel, Maria da Conceição Tavares, Fernando Henrique Cardoso, dentre outros, conforme dito na introdução desse trabalho, que contribuíram para o desenvolvimento do pensamento cepalino.

Do ponto de vista cronológico, fica evidente a mudança, na obra da CEPAL, na maneira de analisar e tratar cada assunto abordado. Durante os anos de 1950 o enfoque era totalmente voltado à industrialização, como supracitado no texto. Ao longo da década de 1960, a América Latina passou por um crescimento acelerado, porém com elevadas restrições do Balanço de Pagamentos, motivado por problemas de restrições às importações; ou seja, uma aguda restrição externa, e pressões inflacionárias. O processo de industrialização continuava como tendência histórica, no entanto, a urbanização promovia o empobrecimento e a favelização, pois a zona rural era incapaz de absorver a força de trabalho de atividades produtivas modernas, levando a uma heterogeneidade<sup>5</sup> dos termos de renda. A Cepal se depara com uma América Latina industrializada, porém ainda subdesenvolvida (BIELSCHOWSKY, 2000).

Frente a todos esses acontecimentos, a Cepal lança um documento, em 1963, com propostas reformuladas para o desenvolvimento da região, dentre elas, estavam: reforma agrária, redução da desigualdade externa, melhoria nos índices educacionais e controle da inflação – cada vez mais forte a concepção cepalina de que esta é causada por fatores estruturais.

No texto de Raúl Prebisch de 1963 “*hacia una dinamica del desarrollo latinoamericano*”, aparecem novas ideias, do próprio autor, de mudanças na estrutura social da América Latina, relativos à dificuldade da periferia crescer e absorver a força de trabalho. Para ele, havia a necessidade de mudar a estrutura social e redistribuir a renda, especialmente a partir da reforma agrária, como forma de ampliar a produtividade agrícola. Neste mesmo período, Celso Furtado (1964) demonstra sua

---

<sup>5</sup> Referente à heterogêneo: possui natureza desigual e/ou apresenta diferença de estruturação, função, distribuição, etc.

visão cética quanto ao desenvolvimento das economias periféricas pela industrialização. Para ele, a industrialização poupava mão de obra e, com isso, construía uma massa de baixíssima produtividade que não encontrava emprego, além da má distribuição de renda. Ainda, a industrialização não superaria o subdesenvolvimento. Contudo, o autor via, como saída para o problema, a reforma agrária, pois esta ampliaria o mercado interno para bens industriais, auxiliando a industrialização.

Furtado argumentava sobre a tendência à estagnação, a qual tem em comum com a leitura de Prebisch sobre “insuficiência dinâmica” devido à “dependência tecnológica”. Ou seja, “a periferia estaria utilizando a tecnologia gerada no centro, em condições de dotação de recursos totalmente distintas, e sua empregabilidade em recurso escasso, capital, em detrimento do recurso abundante, trabalho” (BIELSCHOWSKY, 2000, p. 40).

Ainda na história das ideias dos anos 1960, duas análises mais representativas aparecem na produção intelectual do órgão: teses sobre dependência e da heterogeneidade estrutural<sup>6</sup>, as quais serão abordadas futuramente no trabalho.

Na década de 1970, a América Latina permanece num contexto de expansão até o segundo choque do petróleo. Logo após isto, cresce o endividamento externo das economias da região. As ideias cepalinas começaram a perder força, evidente ao se observar que, enquanto países como Brasil e o México permaneceram com intensa intervenção estatal e economia fechada, países como Argentina, Chile e Uruguai iniciaram a abertura comercial e financeira indo de encontro ao pensamento cepalino da época. Além disso, os estudos dos anos de 1970 reconhecem que, as economias latino-americanas podiam ser dinâmicas apesar de conter graves injustiças sociais; e a industrialização aprofundaria a heterogeneidade da economia e a concentração de renda como um processo dinâmico para o sistema, pois não engloba uma massa de trabalhadores. No entanto, mesmo com estudos problematizando a industrialização na América Latina, em toda metade desta década, há a proposição de reforçar a industrialização e as exportações como mecanismo para enfrentar as dificuldades da inserção internacional e para mitigar os riscos do endividamento da região

---

<sup>6</sup> A estrutura de produção dos países em desenvolvimento é especializada em poucos setores (particularmente relacionados com as exportações de commodities) e heterogênea, já que as diferenças de produtividade do trabalho são muito elevadas.

(BIELSCHOWSKY, 2000).

Os anos de 1980 são marcados pela crise cambial, e pela década perdida, termo criado pela CEPAL. Baixíssimo crescimento econômico, aceleração do processo inflacionário, com muitos países em situação de hiperinflação, transferência de recursos para os países desenvolvidos e empobrecimento relativo da América Latina. Nesse campo, a CEPAL teve um papel marginal dada a sua orientação ao planejamento de longo prazo, com menor leque de proposições de políticas públicas para problemas imediatos como a hiperinflação (Idem).

Tal crise deslocaria, finalmente, a um segundo plano a produção desenvolvimentista e o esforço intelectual central passaria ao plano que se impunha historicamente, o da posição à modalidade de ajuste exigida pelos bancos credores do Fundo Monetário Internacional (FMI). A solução para a crise, segundo a CEPAL, seria o “ajuste expansivo”: a ideia seria que as políticas contracionistas elevariam a crise, portanto, defendiam políticas expansionistas, pois as outras causariam danos a sociedade (Ibidem, p.58).

Ainda nessa década houve contribuições de Fernando Fajnzylber (1989), em que se retoma a discussão sobre o crescimento com a má distribuição de renda no continente, originadas no processo produtivo, ressaltando como a Periferia ainda se mantém dependente do Centro. A América Latina não foi capaz (como, por exemplo, Espanha e Coreia que contaram com experiências bem-sucedidas) de promover o crescimento com avanços distributivos (o conjunto vazio<sup>7</sup>). Isto é, em sua análise<sup>8</sup> - Fajnzylber (1989) chegou à conclusão de que: a linha divisória dos países que apresentaram crescimento econômico ficou acima de 2,4% do PIB por habitante. Enquanto que a linha entre os países que alcançaram a equidade foi estabelecida acima de 0,4.

Isto posto, Fajnzylber (1989) conclui que nenhum país da América Latina cresceu mais do que 2,4% PIB/habitante acompanhado de um índice de equidade<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Os países da América Latina não conseguiram conciliar dinamismo econômico com redução das desigualdades.

<sup>8</sup> A partir do critério de crescimento e a média da expansão do PIB por habitante dos países avançados, entre os anos de 1965 a 1984. Já na distribuição de renda, o autor usa como indicador a metade da média do valor dos 40% da população mais baixa e os 10% da população de renda mais alta dos países avançados, nos períodos de 1970 a 1984.

<sup>9</sup> Equidade é uma relação entre o crescimento observado em um dado país e a distribuição da renda

maior do que 0,4. Ou seja, destacava a inexistência de países da região que tivessem obtido indicadores positivos de dinamismo econômico e equidade devido a incorporação insuficiente do progresso técnico, o qual o autor denomina de “caixa preta” (ARAUJO, 2011).

#### **4. O PAPEL ATRIBUÍDO À TECNOLOGIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO**

Ao longo de sua trajetória a Comissão Econômica para América Latina e o Caribe contou com um amplo rol de pensadores<sup>10</sup>, alguns dos quais, com trabalhos na linha do interesse deste trabalho, com trabalhos que serviram de base para formular o que será discutido nas próximas seções.

O primeiro deles pode ser considerado Raúl Prebisch (1901-1986), economista argentino, onde suas teorias sobre a substituição de importações, análise sistêmica entre centro-periferia e a criação de um mercado comum latino-americano, trouxeram grande influência para a realidade. Suas trajetórias repercutiram ao reconhecimento internacional, onde foi indicado ao primeiro Prêmio Nobel de Economia. Ele ainda pode ser considerado como quem deu início a linha estruturalista do pensamento econômico. Logo em seguida, podemos considerar como um dos grandes pensadores cepalinos Celso Furtado (1920-2004). É considerado o economista brasileiro mais conhecido e conceituado no mundo até os dias de hoje. Isso porque, suas áreas de estudo e produção – voltadas para a História Econômica, a Teoria do Desenvolvimento, a Política Econômica e o Planejamento – tiveram grande importância e contribuição para a política econômica brasileira.

Ainda no cenário brasileiro, Maria da Conceição Tavares é amplamente considerada como a mais brilhante economista luso-brasileira. Trabalhou no então Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), onde a autora se deparou com as estatísticas brasileiras, as quais demonstravam a grande desigualdade brasileira e como o país não poderia continuar a seguir os pensamentos nos moldes

---

que nele se realiza; para tanto se adotou, como indicador, a razão entre a renda de 40% da população de renda mais baixa e 10% da população de renda mais alta, sendo que essa relação varia de um país para o outro.

<sup>10</sup> Conforme exposto na Introdução do trabalho.

européus (INTERPRETES DO BRASIL, [2012?]).

Nascido no Chile, Aníbal Pinto (1919-1996), um dos mais influentes estruturalistas latino-americanos, teve a sua primeira análise crítica publicada em 1960 sobre o Fundo Monetário Internacional para os países da América Latina (PINTO, 1960). E, a partir desta, retomou a tradição da economia política, evidenciando os pontos mais vulneráveis da visão neoclássica na projeção latino-americana (SERRA, 1998). Osvaldo Sunkel, o qual também nasceu no Chile, se associou a CEPAL em 1952 e trabalhou em diversos países da América Latina. Foi fundador e diretor do escritório da CEPAL e incorporou, no Brasil, o Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social (ILPES). Uma de suas obras mais conhecidas, com a colaboração de Pedro Paz, foi *El subdesarrollo latinoamericano y la teoría del desarrollo*, na qual examinaram teorias com espírito crítico e tentaram, como alternativa teórica, a elaboração de uma interpretação do subdesenvolvimento latino-americano (SUNKEL; PAZ, 1970).

Fernando Fajnzylber alinhava-se com o pensamento econômico evolucionário/neoschumpeteriano e desenvolveu a ideia de competitividade sistêmica. Seus estudos eram voltados para o desenvolvimento industrial, com foco na inserção internacional baseada no crescimento com equidade distributiva. Em 1990 publicou o estudo “Industrialização na América Latina: da Caixa Preta ao Conjunto Vazio”, o qual analisava a questão do crescimento versus distribuição de renda, conforme supracitado. Tal estudo foi fundamental para que a questão marcasse presença no debate econômico mundial, pois o tema não havia sido estudado anteriormente e o fenômeno da globalização começava a ser cada vez mais questionado (RABI, 2001).

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, o critério de seleção dos autores a serem analisados se deu a partir da relação apontada pelos mesmos entre desenvolvimento tecnológico e desenvolvimento socioeconômico via dinamização da indústria local. No entanto, após aprofundar o estudo nos textos selecionados, foi possível perceber que três destes nove autores têm suas análises voltadas para o campo sociológico. Além de desenvolverem estudos acerca dos estilos de desenvolvimento que foram instituídos na América Latina e noutros países – focando na relação centro-periferia.

O primeiro autor, dentre os três, é José Medina Echevarría – que parte da



análise sociológica do processo histórico industrial acelerado que os países da América Latina passaram em relação ao caráter tecnológico dependente dos países centrais. E ainda, na visão do autor, o planejamento junto com um processo de racionalização, impulsionaria as taxas de desenvolvimento e crescimento (ECHEVARRÍA, [1963], 2000).

Jorge Graciarena é o segundo autor que fica de fora da análise deste trabalho. Ele analisa os estilos de desenvolvimento impostos na América Latina e discorre sobre algumas dimensões sociais que não foram consideradas, tais como: classes sociais, as relações de poder e a natureza política do Estado. Essas tinham uma importância fundamental na orientação das estratégias de desenvolvimento, e não apenas a industrialização. O problema do desenvolvimento devia ser abordado a partir de um enfoque unificado, que teria de globalizar ou integrar as perspectivas parciais do desenvolvimento econômico, social, político e cultural (GRACIARENA, 2000).

E, por último, enquadra-se neste *roll* Marshall Wolfe, que considera os critérios e estilos de desenvolvimento a partir da pergunta "de quem para quê?". Segundo o autor, nenhum país pode avançar no "desenvolvimento" enquanto permanece rural e agrícola - embora a agricultura de exportação possa dar margem a consideráveis aumentos da renda *per capita* e possibilitar a acumulação. Para muitos autores, 'industrializado é sinônimo de desenvolvido'; no entanto a análise é para estimular os "agentes do desenvolvimento" a ter uma consciência clara quanto a aumentar sua capacidade de planejamentos – acerca do desenvolvimento – para que estes funcionem a longo prazo para o bem-estar de seus membros (WOLFE, 2000).

#### 4.1 TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO NO PENSAMENTO DOS AUTORES CEPALINOS

Conforme discorrido no capítulo 1, a América Latina, nos anos 1930, tinha como papel principal o de produzir alimentos e matérias-primas para os grandes centros industriais (PREBISCH, 1949). Além disso, os países latino-americanos persistiam com o caráter colonial, e a industrialização se constituía como a peça chave para a superação deste caráter (CURADO, 2013).

Para justificar a industrialização na América Latina, a qual vinha sendo realizada desde 1930, Prebisch questionava a validade da divisão internacional do trabalho (vide seção 2). Diante do desequilíbrio relacionado tanto ao baixo coeficiente de importações dos Estados Unidos quanto a elasticidade-renda da demanda, apontados como as principais causas para o desequilíbrio externo, a saída proposta por Prebisch era a industrialização da América Latina através do processo de substituição de importações (COUTO, 2007). A mesma era responsável por captar parte do progresso técnico e elevar o padrão de vida das massas. No entanto, ambos dependem da produtividade – um através do desenvolvimento e o outro pelo aumento, respectivamente. Uma das condições principais para aproveitar o progresso técnico e elevar o padrão de vida da população, mesmo com uma produção primária, é a disposição de melhores equipamentos, maquinaria e instrumentos, aproveitando a renovação sistemática pelo progresso da técnica, através de importações de bens de capital e exportação de produtos primários (PREBISCH, [1949], 2000). Da mesma forma, tal mecanização ajudaria na agricultura, a qual Prebisch não descartava a importância, tanto no mercado interno quanto no mercado externo (COUTO, 2007). Contudo, havia a restrição do setor externo, o qual era o maior obstáculo para o desenvolvimento latino-americano. A industrialização seria a forma de superar a restrição externa imposta ao crescimento dos países periféricos (CURADO, 2013).

Ainda de acordo com Prebisch, a pequena escala das indústrias latino-americanas, em razão dos seus estreitos mercados nacionais, o motivou a continuar defendendo a criação de um mercado comum<sup>11</sup> latino-americano. Ele considerava o comércio exterior como um dos elementos propulsores do desenvolvimento econômico, devido ao fato de que, ao aumentar o comércio exterior, elevaria a possibilidade de aumentar a produtividade do trabalho. Com isso, elevaria a qualidade de vida da população, crescendo a atividade econômica, elevando o nível de emprego, levando a um aumento das importações (principalmente artigos de consumo, matérias primas e bens de capital).

Contudo, a elevação do padrão de vida das massas depende de uma expressiva quantidade de capital por trabalhador empregado na indústria, nos

---

<sup>11</sup> Necessidade de intensificar o intercâmbio industrial entre os países latino-americanos através da ALALC – Associação Latino-Americana de Livre Comércio e o Mercado Comum-Americano.

transportes e na produção primária, retomando o problema da escassez de dólares, pois o processo de capitalização teve um aumento inflacionário significativo. Além disso, nos países latino-americanos, a poupança espontânea é insuficiente para cobrir as necessidades deste processo por se tratar de um intenso desenvolvimento. (PREBISCH [1949], 2000, p.76). E, a industrialização requeria novas importações de bens de capital e insumos, que, para pagá-los, necessitava de exportações (CURADO, 2013). A criação de uma integração regional tinha a possibilidade de aumentar as exportações e melhorar a eficiência industrial, pois através dos “blocos” os países latino-americanos teriam mais poder de negociação frente às nações do centro (AMADO<sup>12</sup>; MOLLO, 2004 *apud*. GONÇALVES, 2015, p.123).

Para Prebisch (1949), os investimentos estrangeiros contribuiriam para o aumento da produtividade por trabalhador, colaborando para a formação de capitais - ao invés de serem destinados para o consumo prematuro das grandes massas. Além disso, o emprego industrial das pessoas desempregadas ou mal-empregadas melhorava a produtividade, pois passava a utilizar pessoas que o progresso da técnica vinha desalojando da produção primária e de outras atividades. E tal melhora se traduzia em um aumento líquido da renda nacional. Ou seja, com a possibilidade do progresso técnico na produção primária, juntamente com o aperfeiçoamento das indústrias existentes, o incremento líquido da renda nacional resultaria em uma margem de poupança cada vez maior (GONÇALVES, 2015).

Nas próprias palavras de Prebisch, a respeito da industrialização (1949, p.89):

A industrialização, ao aumentar a produtividade, fará subirem os salários e encarecerá relativamente o preço dos produtos primários. Desse modo, ao elevar sua renda, a produção primária irá captando gradativamente a parte do fruto do progresso técnico que lhe teria competido a baixa dos preços. Como no caso dos grupos sociais atrasados, é claro que esse ajuste significará uma perda real nos setores industriais, [...] entretanto, essa perda poderia ser generosamente compensada pelo fruto de sucessivas inovações técnicas.

Além disso, a industrialização da América Latina possibilitaria um aumento na renda nacional por conferir um emprego mais produtivo para população empregada

---

<sup>12</sup> AMADO, Adriana; MOLLO, Maria. Ortodoxia e heterodoxia na discussão sobre integração regional: a origem do pensamento da CEPAL e seus desenvolvimentos posteriores. Estudos Econômicos, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 129-156, mar. 2004.

em ocupações de baixíssima produtividade. Ligado a isso, os investimentos em bens de capital elevariam a produtividade do trabalho e desenvolveriam uma margem de poupança que, transformada em novas inversões, traria novos aumentos de produtividade. No entanto, a margem de poupança depende do aumento da produtividade do trabalho, a qual é muito baixa nos países latino-americanos, devido à falta capital. Isso ocorre pela margem de poupança ser muito estreita, em virtude da baixa produtividade. Ou seja, é necessária a ajuda transitória de capital estrangeiro. A aplicação de tal capital permitiria que os países desenvolvessem sua própria poupança e, a partir disso, substituir o capital estrangeiro pelas inovações técnicas e pelo crescimento da população (PREBISCH, [1949], 2000). A medida em que se aumenta a produtividade da indústria e melhora a renda real *per capita*, essa população tende a se deslocar naturalmente para as atividades industriais. E ainda, o aumento da produtividade determinado pelo aperfeiçoamento das técnicas de produção primária, elevaria a renda *per capita* e traria consigo uma demanda crescente de serviços (idem).

Outro aspecto importante da dinamização da indústria local para o desenvolvimento tecnológico é que, além de contribuir para a absorção da população que cresce e se desloca de outras atividades, inclusive a agricultura de consumo interno, proporcionaria aos países em desenvolvimento os produtos manufaturados que ele não poderia conseguir, dada a sua capacidade limitada de importar, em função da baixa das exportações. Dessa forma, através do progresso técnico e da industrialização cresceria a renda global e melhoraria a renda *per capita*. À medida que a renda aumenta, a composição da demanda se alteraria, transformando a composição das importações e desenvolvendo a produção interna substitutiva, fazendo com que outras importações pudessem crescer (PREBISCH, [1952], 2000). Por outro lado, as exportações podiam trazer uma margem maior de poupança, além da possibilidade de transferência dessa poupança para a importação de bens de capital (Idem).

Ou seja, para Prebisch a industrialização da América Latina, via dinamização local, seria a forma de superar a restrição externa imposta ao crescimento dos países periféricos, além de ser promotora do desenvolvimento socioeconômico. O desenvolvimento econômico decorreria de um esforço natural e deliberado, onde a

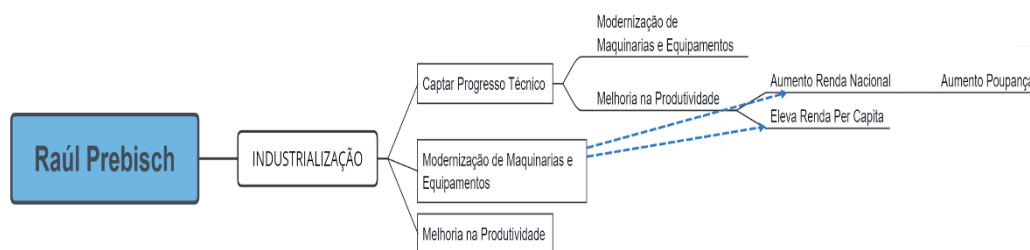
acumulação de capital e a redistribuição de renda somente se dariam com uma grande participação do Estado sobre a poupança, redistribuição da terra e a iniciativa individual, dando dinâmica ao sistema econômico (COUTO, 2007). Além disso, o Estado desempenha o papel dinâmico de absorver diretamente a população ativa excedente e estimular outras atividades, inclusive a agricultura de consumo interno. Por isso, a industrialização, que é impactada positivamente pelo progresso técnico, vai gerando um crescimento da renda global e melhorando a renda *per capita*. Aumentando a renda, a alteração da demanda é indispensável para ir transformando a composição das importações e o desenvolvimento da produção substitutiva interna, para que outras importações possam crescer fortemente. Além de gerar impactos positivos na modernização de maquinarias e equipamentos (parque fabril), o qual gera um aumento da renda nacional e, como consequência, um aumento na poupança. (PREBISCH, [1952], 2000).

O destaque dos textos de Prebisch, com relação a industrialização, era a solução que esta representava, em sua leitura, para a superação do subdesenvolvimento (BIELCHOWSKY<sup>13</sup>, 1988 *apud* CURADO, 2013). Apesar do acento na industrialização, Prebisch não descartava a importância da agricultura, tanto para o mercado interno quanto para o mercado externo. Criticava a posse do solo e o enriquecimento dos proprietários de terras. Para o autor, a indústria e a agricultura deveriam caminhar juntas, pois existia uma estreita dependência entre ambas. Percebe-se, portanto, que Prebisch defendia a industrialização em razão da incapacidade da agricultura em absorver o crescimento da população ativa, bem como da existência da deterioração dos termos de troca (que gerava desequilíbrios externos nos países de produção primária). Defendia também a Reforma Agrária, a qual era inadiável. Ressaltava que a grande disparidade de renda dos países latino-americanos vinha, primeiramente, da concentração das terras, e depois do excessivo protecionismo industrial, da restrição à concorrência, da inflação e da intervenção do Estado. A ação do Estado era necessária para redistribuir a terra e difundir a técnica e o capital (COUTO, 2011).

---

<sup>13</sup> BIELCHOWSKY, R. Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo. Rio de Janeiro: Ipea/Inpes, 1988. (Série PNPE, n. 19).

**Figura 1 - Pensamento de Raúl Prebisch**



A abordagem teórica de Celso Furtado é semelhante à de Raúl Prebisch, porém sua visão era mais completa, pois avançava na compreensão da estrutura dinâmica do subdesenvolvimento e sua articulação interna-externa - a questão da extração do excedente econômico (mais-valia) dos países atrasados pela ação do capital estrangeiro, vinculado com a articulação das economias internas e o capital externo. Furtado tinha a preocupação em entender a dinâmica do processo de industrialização em pleno curso. Para ele, o desenvolvimento econômico introduz novas combinações de fatores de produção que aumentam a produtividade do trabalho. E os setores dinâmicos seriam capazes de promover o incremento de tal produtividade vinculada às atividades industriais, justificando o projeto industrializante da América Latina (CURADO, 2013). Além disso, o progresso técnico apresenta maior importância, para Furtado, pois afeta a própria acumulação na medida em que define a produtividade, o crescimento e a geração da renda. Ou seja, o desenvolvimento seria altamente dependente da acumulação e deve acontecer em conjunto com as inovações tecnológicas. Furtado (1964) ainda vê o progresso técnico como parte da criatividade humana que se direciona para ampliar as possibilidades de acumulação do capital e o uso das forças produtivas, proporcionando ganhos de produtividade e crescimento econômico.

Furtado defendia o processo de industrialização para reduzir, progressivamente, a importância do setor externo - por meio de indústrias de bens de capital – em defesa da geração de empregos e a continuidade da expansão do produto brasileiro (CURADO, 2013). No entanto, o desenvolvimento tecnológico via dinamização da indústria local nos países latino-americanos se deu nos moldes do

desenvolvimento industrial europeu, via indústrias multinacionais; onde as empresas capitalistas que penetram em uma região de velha colonização e estrutura econômica arcaica não se vinculam - conforme a fase de expansão do setor capitalista, a qual absorvia os recursos de mão-de-obra e passam a ser condicionados pelo nível de produtividade, pelo simples fato de que a massa de lucros gerados pelas empresas não se integra na economia local.

Sendo assim, na visão do autor, o subdesenvolvimento é um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual tenham passado as economias capitalistas modernas. Trata-se de um fenômeno histórico específico, o qual resulta da expansão das economias industriais avançadas que influenciam na dinâmica das economias periféricas – as quais se mantêm como uma estrutura produtiva heterogênea e os ganhos de produtividade são restritos a determinados setores. É um processo particular resultante da penetração de empresas capitalistas modernas em estruturas arcaicas. (FURTADO, [1964] 2000).

Nas palavras do autor:

[...] o que caracteriza uma economia dependente, é que nela o progresso tecnológico é criado pelo desenvolvimento, ou melhor, por condições estruturais que surgem inicialmente do lado da demanda, enquanto nas economias desenvolvidas o progresso tecnológico é, ele mesmo, a fonte do desenvolvimento. De uma perspectiva mais ampla, cabe reconhecer que o desenvolvimento de uma economia dependente é reflexo do desenvolvimento tecnológico nos polos dinâmicos da economia mundial (FURTADO, [1964] 2000, p. 23).

Mesmo em um contexto de alto grau de industrialização, o subdesenvolvimento continuaria na dinâmica produtiva das economias periféricas, pois há a apropriação de técnicas intensivas em capital em um sistema industrial desigual (LINS, 2013). Diante disto, Furtado buscava uma solução para a superação do atraso decorrente do processo problemático de industrialização, e propunha uma liderança, para os países periféricos, de seu próprio processo de industrialização (FURTADO<sup>14</sup>, 1997 *apud* LINS, 2013). Perante o exposto, para ultrapassar o subdesenvolvimento, seria necessária uma reforma, a qual seria alcançada apenas com o planejamento econômico. Tal planejamento aparecia como solução natural aos problemas estruturais de produção, emprego e distribuição de renda presentes nas economias

---

<sup>14</sup> FURTADO, Celso. A fantasia organizada: obra autobiográfica. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997a.

periféricas. Além de ser um fator essencial para o progresso da industrialização e necessário para intensificar o ritmo de desenvolvimento e para diminuir o custo social do mesmo (LINS, 2013).

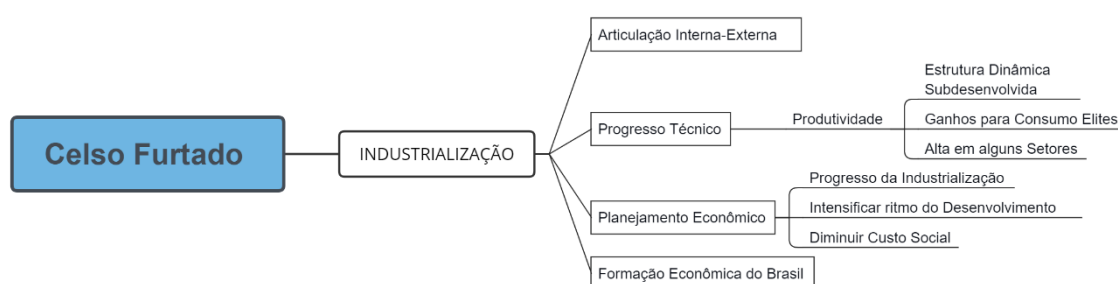
Furtado ainda considerava que a industrialização seria a única saída para os países da América Latina; caso contrário, haveria um despovoamento ou a região permaneceria com um nível de renda baixíssimo. Tal diagnóstico aproxima-se da sua interpretação do desenvolvimento regional brasileiro, entre os séculos XVI e XX, onde Furtado analisava o processo histórico de formação da economia brasileira. Neste, o Nordeste, com o ciclo econômico do açúcar, durante os anos de 1580-1680, teve o auge da exportação do produto, fazendo com que o Brasil se tornasse o maior produtor e exportador, recebendo grande investimento e atenção para a região. No entanto, a partir das primeiras descobertas de ouro em Minas Gerais, se iniciou a formação do Centro-Sul, deslocando os recursos humanos e produtivos do Nordeste para o Centro-Sul do Brasil. Com isso, crescia os centros urbanos e havia uma mobilidade social maior, pois o enriquecimento era mais rápido do que com o ciclo açucareiro. Desta forma, o Nordeste se tornou, no caso brasileiro, a periferia, enquanto que o Centro-Sul se tornava o centro (DINIZ, 2009). A partir deste diagnóstico, Furtado desenvolveu seus argumentos pró-industrialização. Primeiramente, o desenvolvimento das atividades industriais para conter o processo inflacionário – principalmente no estudo brasileiro: o crescimento da oferta de manufaturas, associado a industrialização, promoveria o ajuste entre oferta e demanda de bens manufaturados, necessário para controlar a inflação (CURADO, 2013).

Para Furtado, o progresso técnico, nas economias subdesenvolvidas, não promove o desenvolvimento, pois ocorre de uma forma absolutamente diferente das economias desenvolvidas. Nas economias periféricas, o excedente financiou o consumo de uma parte privilegiada da população, que copiou o modo de vida das nações desenvolvidas, impedindo o desenvolvimento de tecnologias autônomas. Como consequência, há a dependência e uma dualidade tecnológica que se manifesta pela coexistência de setores atrasados e modernos (FURTADO, 1964). Sendo assim, para o autor, a industrialização deveria ser feita, através do planejamento econômico, para dar continuidade ao desenvolvimento dos países latino-americanos.



Juntamente com a industrialização, crescia a população urbana ocupada em serviços relacionados a indústria, aumentando a procura por alimentos mais que proporcionalmente. A inexistência de uma agricultura moderna, de base capitalista, ligada ao mercado interno, é uma das responsáveis pela tendência permanente ao desequilíbrio interno que se observa nos países latino-americanos. Devido a isso, Furtado defendia a reforma agrária para reduzir, em partes, a desigualdade crescente entre regiões urbanas e regiões rurais (FURTADO, 2002).

**Figura 2 - Pensamento Celso Furtado**



A relação entre industrialização e desenvolvimento estava na reflexão original iniciada por Prebisch em 1949, que analisava a transição nas economias subdesenvolvidas latino-americanas com relação ao modelo de crescimento primário-exportador, para fora<sup>15</sup> (*hacia afuera*), ao modelo urbano-industrial, para dentro<sup>16</sup> (*hacia adentro*). Tratava-se de um exame estruturalista a respeito da própria transição *hacia adentro* na América Latina, sendo uma condição do processo produtivo movido sobre uma estrutura econômica subdesenvolvida, herdada do período exportador (BIELSCHOWSKY, 2000).

Ainda sobre o assunto, Aníbal Pinto, inspirado por Celso Furtado (SERRA, 1998), avançou na análise dos problemas que envolveram a fase de industrialização por substituição de importações, processo custoso onde a industrialização dependente ocasionou repercussões adversas e de limitações insuperáveis, como, por exemplo, a desigualdade social, concentração de renda, além da desigualdade

<sup>15</sup> Crescimento econômico voltado para o comércio exterior.

<sup>16</sup> Crescimento ligado ao consumo interno.

na divisão dos frutos do progresso técnico. Assim como Prebisch, para Aníbal Pinto (1970), existiram duas fases distintas de crescimento econômico nas economias latino-americanas. A primeira é do crescimento para fora e, a segunda, a do crescimento para dentro. A partir desta segunda fase, o desenvolvimento da industrialização resultaria no surgimento do setor não exportador modernizado e capitalista, com níveis de produtividade superior à média do sistema do complexo exportador. Com isso, os países da América Latina convergiam para a formação de um novo sistema, o sistema heterogêneo, no qual a estrutura produtiva seria formada por três camadas: uma camada primitiva, um “polo moderno” e uma camada intermediária - as quais são diferenciadas pelos seus níveis de produtividade.

Perante o exposto, Aníbal Pinto via como alternativa o “crescimento por diversificação”, cujo os objetivos centrais são: a disseminação do progresso técnico, a ampliação do mercado interno, a “homogeneização” do sistema e a conquista de uma autonomia tecnológica ou de capacidade de auto sustentação desse processo com relação as influências externas (PINTO, 1970). No entanto, nos países latino-americanos existe uma descontinuidade, uma situação de heterogeneidade estrutural, contrastando com a homogeneidade das economias industrializadas. Essa heterogeneidade é, na visão do autor, a principal causa da integração interna incompleta ou muito precária dos sistemas da América Latina. A baixa produtividade e os escassos excedentes comercializáveis de alguns setores impedem ou limitam suas relações com os demais países.

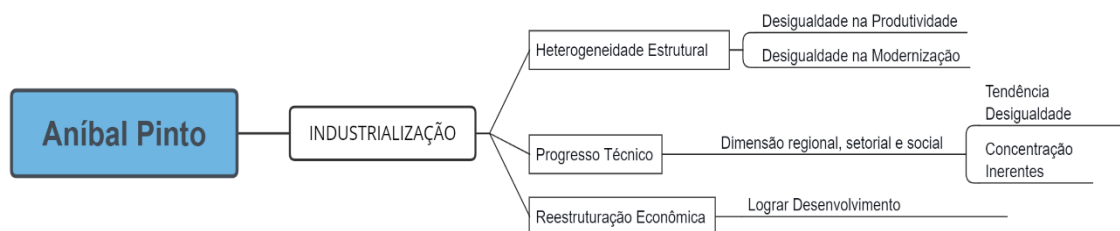
A teoria do desenvolvimento periférico argumentava a respeito do contraste com que o crescimento do progresso técnico e o comércio internacional ocorreram de maneira distinta nos países “periféricos” e nos países “cêtricos” (SERRA, 1998). A repartição e apropriação dos frutos do progresso técnico era contestada também por Aníbal Pinto. Onde, o papel do moderno, do ponto de vista social, absorvia, como um buraco negro, os rendimentos da modernização e parte de renda dos países atrasados. Reproduzindo assim, dinamicamente, como já mencionado, a heterogeneidade estrutural, sendo o problema central, na visão do autor, do processo civilizatório (LESSA, 1998). A partir da repartição dos frutos do progresso técnico, diversos estudos foram elaborados com o objetivo de comprovar que as commodities agrícolas tem uma tendência de perda de valor em relação aos produtos

industrializados (MATTEI & PAULINI, 2008). Com a estrutura latino-americana sendo primário-exportadora, como já contextualizado no início deste trabalho, há uma continuidade de exportação de produtos primários e de importação de produtos industrializados, sendo base da deterioração dos termos de troca.

A concentração do progresso técnico em determinados pontos da estrutura produtiva seria a origem da dualidade desse sistema econômico – além de ocasionar o desnível entre as regiões, uma vez que as indústrias se desenvolveram em lugares específicos nos países latino-americanos. Até a década de 1950, houve a incorporação de recursos do exterior, financeiros, humanos, tecnológicos e materiais, os quais contribuíram para o desenvolvimento de uma indústria nacional nos países da América Latina. Contudo, após a Segunda Guerra Mundial, a desnacionalização começou a acontecer na indústria latino-americana. Ou seja, para Aníbal Pinto tais processos de desenvolvimento, baseados na industrialização dos países desenvolvidos aplicadas nos países latino-americanos, causaram uma polarização econômica. Além de uma distribuição de renda mais desigual na agricultura do que nas atividades industriais, pois aqueles que tem alta renda contam com melhores oportunidades para adquirir o conhecimento que aumentem a renda (PINTO, [1970], 2000).

Para lograr o desenvolvimento, segundo o autor, os Estados nacionais deveriam promover políticas fiscais expansionistas, acompanhadas de formas de reestruturação econômica, evitando as perdas sociais. Além de modificar as proposições dos recursos dedicados à pesquisa e desenvolvimento. (PINTO, 1976). Vale salientar que, para o autor, o progresso técnico não é responsável pelas deficiências e problemas que são diagnosticados, e sim as questões sociais, políticas e econômicas vivenciadas pelas sociedades latino-americanas em que se desenvolveu o progresso técnico.

**Figura 3 - Pensamento Aníbal Pinto**



Osvaldo Sunkel segue a mesma linha de raciocínio que Aníbal Pinto, criticando a forma como se deu o modelo de substituição de importações da América Latina, pois, embora tenha sido estimulado pela crise das relações econômicas internacionais e pela crise do balanço de pagamentos nas economias latino-americanas, não foi efetuado de maneira isolada do exterior. Ao contrário, o modelo de substituição de importações se deu através do estabelecimento de novos vínculos com economias estrangeiras, principalmente com os Estados Unidos. Da mesma forma que o período de crescimento para fora, constitui em uma maneira de inserção das economias subdesenvolvidas, em uma outra etapa diferente da sua evolução, no sistema econômico mundial modificado, afetando o desenvolvimento dos países latino-americanos (SUNKEL, [1969], 2000).

Nas palavras de Sunkel ([1969], 2000, p.534):

A industrialização não permitiu enfraquecer os laços de dependência com o exterior; as economias primário-exportadoras estão fatalmente condenadas, por sua própria estrutura, a depender basicamente desses vínculos, a menos que o processo de industrialização venha justamente a alterar essa situação, o que obviamente não aconteceu.

Tal processo fez com que as multinacionais instaladas na América Latina, realizasse etapas finais das manufaturas - o desenvolvimento de matérias-primas sintéticas e produtos intermediários, com máquinas e equipamentos modernos necessários para produzi-los; além da publicidade necessária para criar e dinamizar os mercados -, dando lugar a um processo de industrialização que gera a instalação de subsidiárias, importação de novas máquinas e insumos, além da utilização de marcas, licença e patentes associadas as subsidiárias estrangeiras. Além do crédito externo e assistência internacional, os quais contribuíram para a expansão do

mercado internacionais de grandes multinacionais norte-americanas, europeias ou japonesas (SUNKEL, [1969], 2000).

Além da análise sobre o processo latino-americano de substituição de importações, Sunkel esteve envolvido na análise da dependência – comercial, financeira e tecnológica – presente na CEPAL desde o início, mas que somente a partir dos anos de 1960 entrou em discussão nos textos dos autores cepalinos. Para ele, dada a estrutura do sistema – relacionada ao processo histórico de formação das sociedades - dos países latino-americanos, fica definida a sua forma de funcionamento, e esta origina os resultados que o sistema produz – ou seja, heterogeneidade econômica, baixo dinamismo de progresso técnico e produtividade, desigualdade social e deterioração dos termos de troca (SUNKEL, [1969], 2000). Tais sintomas somente seriam supridos, na visão do autor, a partir do momento que a política de desenvolvimento atacar os elementos estruturais básicos (externos e internos) que configuram o subdesenvolvimento. São eles: todas as instituições de vinculação social, política, econômica e cultural que o país em questão mantém com o centro, relacionados aos elementos externos. Quanto aos elementos estruturais internos: recursos naturais e populacionais, instituições políticas e o Estado, classes, grupos e camadas sociopolíticos e as políticas concretas do Estado (Idem).

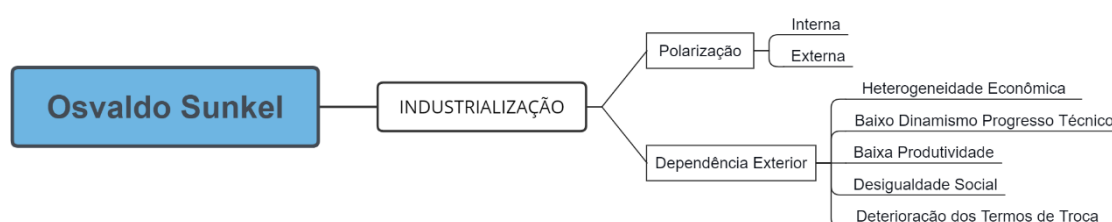
Sunkel, também inspirado por Celso Furtado (GONÇALVES, 2015), não acreditava que o subdesenvolvimento fosse um momento na evolução de uma sociedade, econômica, política, culturalmente isolada e autônoma. E sim que, tanto o desenvolvimento quanto o subdesenvolvimento, são partes do processo histórico global, únicos e simultâneos, interagindo e se condicionando mutuamente. Disso, tem-se dois polos: os países industrializados, desenvolvidos e centrais; e os subdesenvolvidos, atrasados, dependentes e periféricos. E há uma polarização dentro dos países, separados por grupos sociais avançados e modernos e grupos atrasados, marginalizados e dependentes (SUNKEL, [1969], 2000).

Sunkel (1969) define o processo de substituição de importações que caracterizou a América Latina a partir dos fatores determinantes internos dos países, mas, e principalmente, também a partir de condicionamentos e pressões externas que exerceram influências nos processos de desenvolvimento industrial latino-americano. Como consequência, sua dinâmica, composição e a natureza dos processos

produtivos adotados, especialmente referente à tecnologia, foram orientados por condições externas. E assim, o processo de industrialização teve que ser levado adiante apoiando-se na incorporação de conhecimentos tecnológicos, capacidade administrativa, maquinarias e equipamentos, dentre outros de procedência estrangeira.

Diante de todo o exposto, o desenvolvimento tecnológico era considerado importante para a superação do caráter de dependência, mais do que o crescimento. Mas, essa contribuição – ou, no caso latino-americano, a “não contribuição” do desenvolvimento tecnológico para superar a condição de dependência nos países da região naquela época – se deu, principalmente, porque o processo de desenvolvimento industrial se deu sob influência de condições externas. Ou seja, foi orientado por meio de empresas multinacionais e sem critérios, condições ou exigências em termos de desenvolvimento tecnológico local (SUNKEL, [1969], 2000).

**Figura 4 - Pensamento Osvaldo Sunkel**



A ideia de que o desenvolvimento industrial foi imposto por empresas multinacionais também está presente no pensamento de Maria da Conceição Tavares. No entanto, o primeiro ponto a ser criticado pela autora (1969) é o período econômico entre o “primário exportador” (1808 a 1930) e o de “substituição de importações” (1930 em diante) – assim como Raúl Prebisch, Celso Furtado e Aníbal Pinto em seus trabalhos iniciais. O processo de substituição de importações tem a ideia-chave, para a autora, de que o desenvolvimento não se dá em todos os lugares da mesma forma, seguindo as mesmas etapas. Isso porque a industrialização de alguns países – centrais – se deu pela dinâmica do poder no conjunto da economia mundial. Enquanto que os demais países assumem um papel dependente e periférico.

A partir dessa ideia, a autora critica a forma como se deu o processo de

industrialização por substituição de importações na região – especialmente no Brasil –, pois este trouxe o esgotamento, em alguns países da América Latina, do dinamismo do desenvolvimento industrial – devido a incompatibilidade entre o padrão da distribuição de renda e a tecnologia utilizada, pois limitava o tamanho do mercado e exigia uma grande escala de produção e aporte de capital, favorecendo a concentração ainda maior de renda - além de subordinar as economias locais ao desempenho das exportações de produtos primários, buscando mercado interno e passando a produzir domesticamente bens que eram importados (POSSAS, 2001). Sendo assim, prevalece a crença que grande parte das economias da região encontrava-se em uma situação de estagnação estrutural de insuficiência dinâmica<sup>17</sup>. Além disso, o processo de substituição de importações era parcial e fechado, o qual procurou repetir aceleradamente, em condições históricas distintas, a experiência de industrialização dos países desenvolvidos. (TAVERES, [1969] 2000).

A autora, assim como a CEPAL, defendia que o desenvolvimento não se dava em todos os lugares da mesma forma, seguindo as mesmas etapas. E ainda, as novas indústrias já nasciam concentradas, devido ao fato de os mercados serem relativamente pequenos, marcados por uma péssima distribuição de renda e poucas pessoas com acesso ao consumo. A tecnologia utilizada era importada das economias mais desenvolvidas, exigia grandes escalas, gerando problemas pelo lado do financiamento e não se adequava aos recursos internos (POSSAS, 2001).

O desenvolvimento do setor exportador deu lugar a um processo de urbanização intenso ao longo do qual se estabeleciam as chamadas indústrias de bens de consumo interno. Estas são indústrias tradicionais, de baixo nível de produtividade, presentes em quase toda a América Latina. A reduzida atividade industrial, juntamente com o setor agrícola de subsistência, era insuficiente para dar à atividade interna dinamismo próprio. Assim, o crescimento econômico ficava atrelado ao comportamento da demanda externa de produtos primários, dado o caráter dependente das economias latino-americanas (TAVARES, 1969).

Tavares baseava-se na ideia de Celso Furtado de que as economias da

---

<sup>17</sup> Além da falta de progresso na estrutura dos países latino-americanos, os mesmos mantinham uma enorme massa de trabalhadores desempregados e subempregados no setor informal; alta concentração de renda e inexistência de políticas de redistribuição através da inserção do trabalhador na atividade produtiva.

América Latina apresentavam uma tendência à estagnação, devido ao fim do dinamismo do processo de substituição de importações, à incompatibilidade entre o padrão de distribuição de renda e as tecnologias usadas nos países em desenvolvimento frente ao utilizado nos países desenvolvidos. Ou seja, seria necessário diversificar a estrutura produtiva, aumentar o tamanho do seu mercado interno e a capacidade de importar para chegar na etapa de investimento da indústria pesada. Entretanto, grande parte da população permanecia marginalizada dos benefícios do crescimento econômico, mantendo-se subempregada a baixíssimos níveis de produtividade, além de ser excluída do mercado de consumo industrial, devido à falta de crescimento da renda rural, fazendo-se necessário uma reforma agrária nos países latino-americanos (GONÇALVES, 2005).

Tavares faz um diagnóstico das causas da dependência dos países da América Latina, onde aponta a forma que o desenvolvimento tecnológico nacional via importação de pacotes pelas multinacionais reforça o caráter de dependência. Logo, por inferência, chega-se à conclusão de que deveria se priorizar uma redução da importação de tecnologia desses países, com menores escalas. Isso inibiria os problemas financeiros, com relação à escassez de recursos internos, rompendo com a tendência à estagnação por não haver mais incompatibilidade na redistribuição de renda e tecnologia utilizada nos países da América Latina (TAVARES, [1969] 2000).

No âmbito da de sua reflexão sobre o processo de industrialização latino-americano, Tavares cunhou o conceito de industrialização retardatária. Esta deveria ser vista para além da implantação ou crescimento da indústria, e sim como a instalação de um núcleo de setor de bens de produção, principalmente bens de capital, que permitiriam internalizar os principais determinantes da dinâmica econômica: investimento e o progresso técnico. Pois, uma vez ocorrida a industrialização, a dinâmica econômica não seria mais um reflexo dos países desenvolvidos. E esta somente se faria com o Estado, articulando os interesses e atraindo o capital necessário para a produção interna de bens de capital (TAVARES; BELLUZZO, 2002).

Perante o desenvolvimento industrial tecnológico da região, uma reforma agrária articulada com uma política de desenvolvimento territorial e complementação agroindustrial constitui também uma das opções para a dinamização político-econômica do interior dos países, das cidades de pequeno porte que giravam em torno



da atividade agrícola. A reforma agrária tinha papel importante, no pensamento da autora, assim como nas ideias dos autores cepalinos, como forma do acesso à terra ser a única alternativa concreta de emprego produtivo e geração de renda da população rural (TAVARES,1997).

**Figura 5 - Pensamento Maria da Conceição Tavares**



Assim como Tavares, Fernando Fajnzylber é outro autor cepalino que retoma a discussão sobre o processo de crescimento a longo prazo, com elementos de tradição prebischiana, analisando o processo de industrialização latino-americano, identificando lacunas, falhas e distorções. Em sua obra, Fajnzylber identificou uma combinação decadente na região: onde havia crescimento econômico havia aumento da desigualdade social com concentração de riqueza. Onde havia um pouco mais de igualdade social, não havia crescimento econômico. Por fim, mas não menos alarmante, em muitos casos os países da região uniam estagnação econômica com desigualdade crescente (SUZIGAN; FERNANDES, 2003). Daí surge o seu conceito de “conjunto vazio”, ressaltando que nenhum país latino-americano conseguiu conciliar dinamismo econômico com redução das desigualdades.

O autor relaciona tal “conjunto vazio” ao modelo de desenvolvimento implantado na América Latina, pois a dependência das economias da região estava relacionada à exportação de bens primários, com baixa incorporação de conhecimento. Um exemplo disso são as indústrias brasileiras, marcadas por empresas transacionais, as quais desenvolvem pesquisas e novos produtos, porém em suas matrizes e não no Brasil. Tal modelo de desenvolvimento, onde os complexos agroindustriais e de minérios, funcionavam como pontos de extração de riqueza dos países estrangeiros, fez com que a “integração” internacional da economia desses países trouxesse diferenças regionais e sociais (SUZIGAN; FERNANDES, 2003).

Dessa forma, a política de desenvolvimento econômico foi mais uma imitação de políticas de outros países do que um processo de reflexão sobre os gargalos e as potencialidades internas. A partir disso, o autor observou uma característica do desenvolvimento econômico dos países da América Latina: a absorção insuficiente do progresso técnico. E, de tal insuficiência, resultou o conjunto vazio. Em suas palavras:

O conjunto vazio estaria diretamente vinculado ao que se poderia chamar de incapacidade de abrir a “caixa preta” do progresso técnico, tema este no qual incidem a origem das sociedades latino-americanas, suas instituições, o contexto cultural e um conjunto de fatores econômicos e estruturais cuja vinculação com o meio sociopolítico é complexa, mas indiscutível. (FANJZYLBBER, [1989] 2000, p.857).

Além disso, o autor (idem) defende que o processo de industrialização deveria ter como seu núcleo um crescimento que ocorresse através da ampliação do mercado interno, do aumento do consumo de bens simples que se sofisticariam pelo progresso técnico. Isso resultaria em uma base de aprendizagem tecnológica necessária para a inserção no mercado internacional. Embora a industrialização nos países latino-americanos tenha sido voltada para o mercado interno, a política de substituição de importação foi implantada de maneira que não houve estratégia para estimular o crescimento dos esforços de pesquisa e desenvolvimento no setor industrial. Tal estratégia não ocorreu, pois, a industrialização na América Latina não caminhou em direção a aprendizagem tecnológica interna, o protecionismo foi inadequado e marcada por insuficientes investimentos – tanto públicos quanto privados – em pesquisa e desenvolvimento.

Para suprir tais problemas, Fajnzylber ([1989] 2000) propôs uma reestruturação produtiva com equidade, a partir da distribuição de renda, que tenderia a elevar o padrão de consumo. Com isso, as empresas iriam obter um maior nível de renda, podendo aumentar seu nível de investimento. Assim, através de um padrão de consumo com taxa mais alta, o crescimento econômico seria favorecido.

Ou seja, o autor defendia a adoção de um modelo de desenvolvimento via incorporação ativa das massas na economia, através de qualificação e do acesso ao conhecimento. Além disso, a abertura da caixa-preta<sup>18</sup> do progresso técnico fez-se

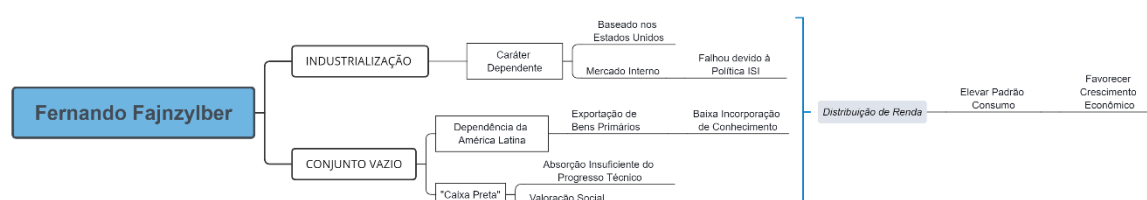
---

<sup>18</sup> Tal abertura é uma tarefa que envolve uma mudança de postura social e institucional, e não se resume apenas a atitudes e decisões das classes industriais e empresariais. Além disso, a estruturação econômica passa pela estruturação política e social, em busca da redução do caráter concentrador de modelos que não favorecem a distribuição de renda.

perceber a necessidade de uma valoração social (a qual já vinha sendo analisada e debatida por Echevarria (1963) e Graciarena (2000)), transformação do padrão de desenvolvimento em um sentido que fosse possível preencher o conjunto vazio, sem deixar a equidade de lado (BARROS, DAROIT, OLIVEIRA, 2016).

Fajnzylber ([1989] 2000) introduz também a ideia de “transformação produtiva com equidade” – planejamento para a mão de obra e sua educação, capacitação e a incorporação do conhecimento científico e tecnológico para alcançar a competitividade acompanhada de equidade - mantendo o progresso técnico como foco de análise pois, através dele, é possível eliminar a pobreza e a vulnerabilidade externa da região, definindo o padrão de consumo pela estrutura agrária, condicionando a distribuição de renda. E, a equidade corresponde a padrões que podem dinamizar a economia.

**Figura 6 - Pensamento Fernando Fajnzylber**

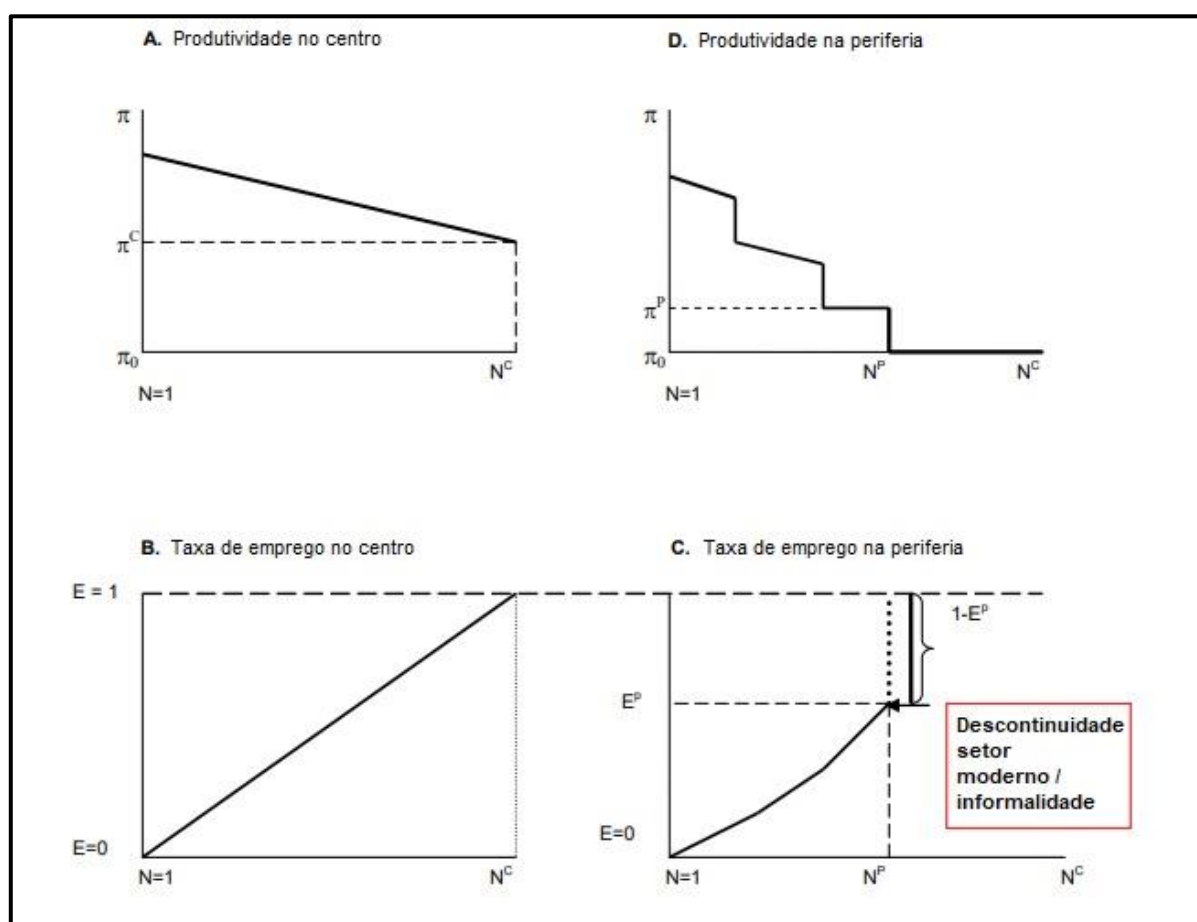


## 5. A INFLUÊNCIA DA ABORDAGEM CEPALINA SOBRE TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO NO PENSAMENTO DE AUTORES NÃO CLÁSSICOS

Mario Cimoli e Gabriel Porcile (2013, p. 7) ressaltam o que já havia sido contextualizado por Prebisch em 1949: “a origem do estruturalismo da América Latina é a ideia da difusão internacional da tecnologia devagar e irregular”. Para eles, o sistema internacional pode ser dividido e formado por dois polos: Norte (centro), o qual é mais diversificado e mostra níveis de trabalho produtivo relativamente homogêneos entre os setores, e o Sul (periferia) que é especializado em um conjunto estreito, com uma grande diferenciação no trabalho produtivo e um limitado armazenamento de *commodities*. Os autores chamam atenção para a absorção do progresso técnico na periferia, que penetra em algumas camadas da sua estrutura se detendo nelas. Os

aumentos da produtividade e diversificação são incompletos, o que resulta em heterogeneidade estrutural<sup>19</sup>. Enquanto que nos centros, após o choque tecnológico – gerado pela inovação –, a economia retoma a posição de equilíbrio, onde todos se beneficiam dos aumentos da produtividade gerados pelo progresso técnico. Nos gráficos a seguir, os autores demonstram a relação entre o progresso técnico, mudança estrutural e heterogeneidade.

**Figura 7 - Produtividade do Trabalho e Estrutura Produtiva do Centro e da Periferia**



Fonte: Cimoli & Porcile (2013, p. 10 – tradução própria).

Legenda:

$\pi$  = Produtividade do trabalho

$E$  = Participação acumulada do setor moderno no emprego total,  $0 \leq E \leq 1$

$N$  = Número de setores da economia ordenados de forma decrescente segundo a produtividade,  $N^C$  = Total de setores no centro

$N^P$  = Total de setores na periferia,  $N^P < N^C$  (maior diversificação da estrutura do centro). No ponto  $(N^P, E^P)$  do gráfico C há uma descontinuidade, a acumulação de emprego no setor moderno da periferia cessa.

$E^P$  = Total de emprego no setor moderno da periferia (o emprego residual  $1-E^P$  permanece no

<sup>19</sup> Termo utilizado por Aníbal Pinto (1970) e Osvaldo Sunkel (1978).

setor de subsistência com produtividade igual a  $\pi_0$ )

$\pi_0$  = Produtividade do trabalho do setor de subsistência da periferia

$\pi^P$  = Produtividade do trabalho do setor NP da periferia

$\pi^C$  = Produtividade do trabalho do setor NC do centro

Diante dos gráficos expostos, é possível perceber que, na periferia, as mudanças das variações de produtividade são descontínuas quando N aumenta (Gráfico D). Ou seja, este movimento expressa a existência de barreiras tecnológicas, de aprendizagem e de capital, entre setores – e dentro dos setores – que acabam por segmentar os estratos de trabalhadores (CIMOLI; PORCILE, 2013). Além disso, os autores resumem, a partir daquelas ilustrações, que (idem, p. 11):

- 1) o progresso técnico, em escala mundial é totalmente desigual, introduzindo-se mais no centro do que na periferia;
- 2) a inovação e difusão da tecnologia estão associadas a estrutura produtiva;
- 3) pelo progresso técnico se difundir em alguns locais da periferia, sua estrutura produtiva é incompleta – com setores de alta produtividade, mas que só conseguem absorver uma pequena parte da oferta de trabalho disponível;
- 4) Os diferenciais de produtividade são mais intensos nos setores modernos da periferia do que no centro.

Com uma leitura análoga, Alberto Botta (2009), em seu modelo estruturalista Norte-Sul, analisou o processo cumulativo entre a industrialização e o crescimento, verificando como isso afeta os processos desiguais de desenvolvimento e convergência. Para o autor, a industrialização tem sido uma poderosa fonte de melhorias tecnológicas, além do desenvolvimento industrial levar para o crescimento econômico e a recuperação. Tal crescimento alimenta a industrialização, ao eliminar os gargalos – estagnação tecnológica - do lado da demanda e do lado da oferta.

Em ambos os modelos, os autores demonstram que a estagnação tecnológica afeta os países periféricos ou do Sul, dando enfoque maior para a América Latina. Apontam ainda que o surgimento de novos setores associados às mudanças tecnológicas está ligado a estrutura produtiva do centro, ou seja, essas transformações não afetam a região Sul; com isso, ela continua altamente

especializada em poucos setores, os quais são menos intensivos em tecnologia. Além disso, os países da região continuam mantendo os trabalhadores em atividades de baixa produtividade e de subsistência. Isso ainda afeta a competitividade dos produtos nacionais, restringindo a restrição da balança de pagamentos e reduzindo a expansão da demanda e o crescimento econômico.

O crescimento econômico, por sua vez, está altamente relacionado com o hiato tecnológico<sup>20</sup>. Quanto maior for esse hiato, maiores são as oportunidades relacionadas à imitação, e assim, há a possibilidade de usar a tecnologia estrangeira existente para desenvolver capacidades próprias, que pode ser alcançado pelo Sul (periferia). Diferentes economias e estruturas sociais têm capacidades divergentes para adquirir conhecimento. Para que esse hiato tecnológico se retarde, é necessário que haja uma maior taxa relativa de crescimento entre Norte - Sul. E, essa taxa de crescimento poderá aumentar caso se atinja o desenvolvimento industrial, levando, conseqüentemente, à uma recuperação econômica. Além disso, o crescimento econômico alimenta a industrialização, e, com isso, elimina os gargalos tanto do lado da oferta, quanto do lado da demanda (CIMOLE & PORCILE, 2013).

Ainda, para os autores, países com recursos naturais em abundância com uma alta demanda na economia internacional, tenderão a crescer mais rápido, apesar do atraso na capacidade tecnológica. Ou seja, economias emergentes e de alto crescimento conseguiram desenvolver uma ampla base industrial. Com o investimento sendo endógeno, as oportunidades de crescimento têm incremento no aumento da competitividade dos países mais atrasados. A industrialização doméstica estimula o crescimento modificando o padrão de crescimento Norte-Sul, e, com isso, relaxa a restrição de equilíbrio externo no Sul. Dessa forma, percebe-se que há uma grande e clara associação entre as capacidades tecnológicas, os padrões de especialização e crescimento econômico para o desenvolvimento dos países industrialmente atrasados.

---

<sup>20</sup> Conceito desenvolvido por Schumpeter, o qual buscava entender como as firmas se esforçam para implementar inovações e como estes esforços geram resultados distintos, que criam diferenças entre a capacidade tecnológica e inovativa entre os países (JUNIOR, 2015). Nesse sentido, a empresa assume o papel de principal indutor do progresso técnico, uma vez que as capacitações produtivas e tecnológicas se localizam em seu âmbito (FAGERBERG, 1994, *apud*. MELO, FUCIDJI, POSSAS, 2015, p.15).

Levando em consideração o equilíbrio supracitado entre o Norte e o Sul, caso ocorresse um aumento exógeno<sup>21</sup> na taxa de crescimento do Norte, isso faria com que a demanda por exportações no Sul tivesse um aumento. É o caso dos países asiáticos, os quais contaram com políticas industriais e tecnológicas ativas que reduzissem a distância em relação à fronteira tecnológica internacional. No caso dos países da América Latina, as políticas industriais foram aplicadas de forma incerta, com falhas de implementações, e que foram abandonadas após as reformas econômicas das décadas de 1980 e 1990 (CIMOLE & PORCILE, 2013). Essa incoerência na forma de aplicação das políticas industriais tem ganhado grande importância e reconhecimento no decorrer dos anos. O crescimento da renda do Sul depende do crescimento da renda do Norte, mostrando que, de alguma forma, a periferia continua dependendo do centro. Mesmo que as diferenças entre as elasticidades – rendimentos das importações e das exportações diminuam -, a diferença original entre centro-periferia não é eliminada (BOTTA, 2009).

Analizando o contraste entre os países do centro e os países da periferia no transcorrer da Revolução Industrial e a industrialização da América Latina, constata-se que, o limitado acesso das economias atrasadas ao progresso técnico às disparidades entre os níveis de produtividade e renda, assim como as necessidades de capital para viabilizar o desenvolvimento econômico, torna a inserção no comércio internacional cada vez mais difícil (Idem, 2002). No caso da periferia, o progresso técnico elevaria a disponibilidade de poupança da massa para a formação de capital, diminuindo a vantagem técnica que os países centrais adquiriram pelo seu desenvolvimento industrial mais adiantado. Sendo assim, com o progresso técnico chegando ao Sul e uma alta produtividade no trabalho, haveria aumentos de competitividade dos preços e produtos da periferia. E, através da balança comercial, haveria um aumento no estímulo no crescimento do Sul a partir das exportações (BOTTA, 2009).

Os desequilíbrios na balança comercial, que são características dos países da América Latina, podem ser explicados pela lenta e desigual difusão do progresso técnico em escala internacional, segundo Gabriel Porcile e Marcelo Curado (2002). Para os autores, é a antiga ideia cepalina de centro-periferia, mas que, entretanto, não

---

<sup>21</sup> Que provem do exterior, que se produz no exterior, ou que é devido a causas externas.

se limita a isso. Estes abordam a mesma ideia colocada posteriormente por Alberto Botta (2009), Mario Cimoli (2013) e até mesmo Gabriel Porcile (2013), de que o Norte gera novas inovações tecnológicas, enquanto o Sul tende a imitar de forma parcial e até completa as tecnologias impostas pelo centro. Existe a ideia de um *catching-up*<sup>22</sup> positivo no hiato tecnológico para com a periferia.

Os países com indústrias modernas dedicam parte significativa de sua força de trabalho e renda nas atividades formalizadas de pesquisa aplicada ao desenvolvimento técnico. Complementar a isso, as inovações são aprimoradas pelas técnicas *learning by doing*<sup>23</sup> e *learning by using*<sup>24</sup>. A partir disso, Renato Perim Colistete (2001) concorda que somente a inserção de indústrias modernas (como nos centros), poderia dar origem a um crescimento da produtividade, do emprego e da renda. A diversificação industrial constituiria o principal meio para a reversão dos efeitos negativos da especialização primário-exportadora na América Latina. Ou seja, a condição periférica seria superada com o avanço da diversificação industrial e o fim da especialização produtiva.

Há uma tendência de especialização nos países industrializados em produtos de alta elasticidade-renda e, nos periféricos, naqueles de baixa elasticidade-renda (matérias-primas e manufaturas). O resultado dessa incapacidade é a especialização em produtos e bens primários ou em bens industriais cuja demanda responde muito debilmente a expansão da renda. Com uma política de maior abertura no centro para as exportações da periferia, no longo prazo, corresponderia a uma resposta racional capaz de promover a divisão internacional do trabalho e gerar maiores benefícios tanto para o centro quanto para a periferia.

---

<sup>22</sup> Processo em que as economias em desenvolvimento se aproximam do nível de riqueza acumulada das economias mais desenvolvidas.

<sup>23</sup> O processo de *learning by doing* ou, “aprendendo fazendo” – está associado ao progresso tecnológico, buscando meios que mostrem os avanços da economia industrial, que surgem decorrentes não somente de uma formação profissional prática, mas também com os conhecimentos adquiridos pela experiência dos trabalhadores quer sejam qualificados, ou não, geram ganhos de produção (SOUSA, 2005).

<sup>24</sup> “Aprendendo usando”, segue o mesmo raciocínio do aprender fazendo.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste debate teórico apresentado foi analisar a importância atribuída ao desenvolvimento tecnológico autônomo para o desenvolvimento socioeconômico e a superação da desigualdade entre centro e periferia no pensamento da CEPAL. Os principais resultados da análise bibliográfica realizada demonstram que, para o pensamento cepalino, esta relação está diretamente relacionada ao processo de industrialização nos países da América Latina, fortemente vinculado ao setor externo. Com isso, há uma dependência da tecnologia utilizada nas indústrias instaladas nos países latino-americanos, que acarreta em altos níveis de desigualdade e desequilíbrio de renda, além da dependência de acesso marginal ao mercado internacional como subcontratantes das economias transnacionais.

Raúl Prebisch, a partir da sua proposição do sistema centro-periferia – o qual incluía o crescimento para dentro e para fora –, a deterioração dos termos de intercâmbio, a industrialização através da substituição de importações, a necessidade de um mercado comum e também de um banco de financiamento e desenvolvimento, desencadeou abordagens originais nos autores selecionados e ligados à CEPAL sobre as economias latino-americanas, incluindo as leituras a respeito do desenvolvimento tecnológico através da indústria local. Para Prebisch, o desequilíbrio externo da periferia, o grande inimigo dos países latino-americanos – leitura presente até no seu último texto publicado em vida (1986) –, tinha como forma de superação a industrialização via substituição de importações e a promoção das exportações de manufaturas.

As discussões que surgiram, após o surto industrial que se iniciou em razão da grande depressão dos anos 1930, reforçaram a leitura que a periferia do capitalismo mundial só alcançaria seu desenvolvimento econômico com a industrialização. No entanto, a partir de 1960, os autores cepalinos perceberam que o processo de substituição de importações, tal como foi conduzido na região, gerava, além da dependência, a heterogeneidade estrutural nos países da América Latina. Com isso, surgiram novas análises a respeito do desenvolvimento, mas sem deixar de lado a industrialização. Isto porque esta, juntamente com o comércio internacional, seriam os meios pelos quais se poderia chegar ao desenvolvimento econômico e social dos países periféricos, com destaque para a América Latina. Cabia à indústria modificar a

estrutura produtiva da periferia, reduzir sua dependência externa, ampliar os benefícios do progresso técnico e absorver a população desocupada.

Ao longo deste trabalho buscou-se captar elementos comuns e diferentes na leitura dos autores a respeito das relações entre tecnologia e desenvolvimento. Tendo como base a industrialização, três autores, – Raúl Prebisch, Celso Furtado e Aníbal Pinto – defendiam que a sua promoção geraria progresso técnico nos países latino-americanos. No entanto, apenas para Prebisch o progresso técnico levaria a uma modernização de maquinarias e equipamentos e uma melhoria na produtividade, a qual estava ligada ao aumento da renda nacional – aumentando também a poupança - e a elevação da renda *per capita*. Celso Furtado e Aníbal Pinto consideravam a importação de modelos das multinacionais – conhecidos como “pacotes prontos” – inapropriada para os países em desenvolvimento, pois a tecnologia importada advém dos países desenvolvidos. A forma como se deu a industrialização na América Latina, adaptada de países desenvolvidos em um sistema industrial desigual, era, portanto, na visão dos autores, como um intensificador de uma estrutura dinâmica subdesenvolvida, gerando ganhos para consumo das elites e uma tendência à desigualdade e a concentração de renda nas dimensões regionais, setoriais e sociais, respectivamente.

Relacionados à Furtado e Pinto, Maria da Conceição Tavares, Osvaldo Sunkel e Fernando Fajnzylber partem da constatação de que a industrialização latino-americana, via substituição de importações, marcada pela imposição de “pacotes fechados” pelas multinacionais – dos países desenvolvidos, gerando um caráter de dependência do exterior. Resultando na concentração regional das novas indústrias, heterogeneidade econômica, baixo dinamismo do progresso técnico, baixa produtividade, desigualdade social e deterioração dos termos de troca. Além disso, Fajnzylber relaciona o modelo de desenvolvimento implantado na América Latina a falha de conciliar o dinamismo econômico com a redução das desigualdades. Nos anos 1990, o autor elaborou um diagnóstico de retrocesso regional da maioria das economias nacionais da América Latina e do Caribe, propondo assim uma transformação produtiva com equidade.

Durante a análise realizada foi possível perceber como a discussão a respeito da tecnologia e desenvolvimento, a partir do sistema centro-periferia de Prebisch,

influenciou também autores não cepalinos, que desenvolveram análises a respeito do tema e embasaram suas pesquisas e modelos a partir da relação entre Norte-Sul. Sendo assim, os estudos, teorias e discussões acerca do desenvolvimento tecnológico com argumentos favoráveis a industrialização da América Latina, embora não sejam recentes, continuam presentes até hoje no debate acadêmico.

A principal contribuição deste estudo foi chamar a atenção para os problemas enfrentados pelos países da América Latina, com relação ao fenômeno do subdesenvolvimento, o qual está presente em todos os autores analisados. Outra constatação, a partir da análise do pensamento de cada autor, é a questão do desenvolvimento tecnológico autônomo e sua contribuição, via a indústria local, para o desenvolvimento socioeconômico da região. Este, conforme discutido no trabalho, era importante para a superação do caráter de dependência, além de modificar as proporções dos recursos dedicados à pesquisa e desenvolvimento, melhorando as condições de aquisição de serviços ou estabelecendo o tecido industrial adequado para a região.

Vale salientar que a discussão do trabalho está totalmente ligada aos dias atuais, pois levando em consideração a maneira com que o desenvolvimento tecnológico se deu no Brasil, por exemplo, é possível enxergar o processo falho da industrialização. A mesma se concentrou em lugares específicos onde surgiram centros industriais, gerando polarização interna nos países e até mesmo entre regiões. Além da mão de obra especializada nas regiões urbanas e um atraso verificável, não somente no passado, como atualmente, nas regiões rurais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Niemeyer; CORRÊA, Vanessa Petrelli. A CEPAL ainda é uma escola do pensamento. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 15, p. 92-111, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-98482011000100004&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-98482011000100004&script=sci_abstract&lng=pt)> Acesso em 22 Mai. 2017.

ANDRADE, Rogerio P. de; SILVA, Renata Carvalho. Uma mestra na periferia do capitalismo: a economia política de Maria da Conceição Tavares. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 30, n. 4, p. 539-559, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572010000400001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000400001&lng=en&nrm=iso)> Acesso em 24 Set 2017.

ARAUJO, Pedro Quaresma de. Estrutura produtiva e a distribuição de renda no ciclo 2004-2008 da economia brasileira. 2011. Disponível em: <[https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/2689/1/EstruturaProdutivaEADistribuaoderendanoCiclo2004-2008daEconomiaBrasileira\\_final\\_BD.pdf](https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/2689/1/EstruturaProdutivaEADistribuaoderendanoCiclo2004-2008daEconomiaBrasileira_final_BD.pdf)> Acesso em 24 Mai. 2018.

BARROS, Cristiana Ramalho; DAROIT, Doriana Daroit; OLIVEIRA, Luiz Guilherme. Estratégias de Desenvolvimento Nacional para o período 2012-2015: O Plano Mais Brasil sob a perspectiva da abordagem da CEPAL. **RP3-Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, n. 08. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rp3/article/view/19394>> Acesso em: 05 Ago. 2018.

BIANCHI, Alvaro. O desenvolvimento desigual e combinado: a construção do conceito. São Paulo, v. 1, Fev 2013. Disponível em: <<https://blog.esquerdaonline.com/?p=935&print=pdf>> Acesso em 25 Abr 2018.

BIELSCHOWSKY, Ricardo (Ed.). **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. CEPAL, 2000.

\_\_\_\_\_. Maria da Conceição Tavares. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 14, n. 1, p. 193-200, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-98482010000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-98482010000100009)> Acesso em 11 Jul. 2017.

BOTTA, Alberto. A structuralist North–South model on structural change, economic growth and catching-up. **Structural Change and Economic Dynamics**, v. 20, n. 1, p. 61-73, 2009. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0954349X08000568>> Acesso em 25 Fev. 2017.

CANO, Wilson. América Latina: notas sobre a crise. **Economia e Sociedade**, v. 18, n. 3, p. 603-621, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-06182009000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182009000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 Abr. 2018.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. Dialética do desenvolvimento periférico: dependência, superexploração da força de trabalho e política econômica. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 12, n. 2, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141598482008000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141598482008000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 21 Set. 2017.

CATANI, Afrânio Mendes. Distribuição de renda na América Latina e desenvolvimento. **Revista de Administração de Empresas**, v. 17, n. 1, p. 65-66, 1977. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901977000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901977000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 22 Set. 2017.

CIMOLI, Mario; PORCILE, Gabriel. Technology, structural change and BOP-constrained growth: a structuralist toolbox. **Cambridge Journal of Economics**, v. 38, n. 1, p. 215-237, 2013. Disponível em: <<https://academic.oup.com/cje/article-abstract/38/1/215/1690100>> Acesso em 20 Fev. 2017.

\_\_\_\_\_. Tecnología, heterogeneidad y crecimiento: una caja de herramientas estructuralistas. 2013. Disponível em: <[https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/4592/S2013731\\_es.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/4592/S2013731_es.pdf)> Acesso em 22 Nov. 2018.

CIMOLI, Mario; PORCILE, Gabriel; SILVA, Guilherme Souza. Reciprocidade implícita e crescimento na economia internacional: uma perspectiva estruturalista. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 32, n. 2, p. 188-204, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572012000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572012000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 16 Mai 2017.

COLISTETE, Renato Perim. O desenvolvimentismo cepalino: problemas teóricos e influências no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 41, p. 21-34, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142001000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 12 Abr. 2017.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA – CEPAL. Disponível em <<http://www.cepal.org/pt-br/about>> Acesso em 03 Abr. 2017.

COUTO, Joaquim Miguel. O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch. **Economia e Sociedade**, v. 16, n. 1, p. 45-64, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-06182007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182007000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 23 Abr. 2018.

\_\_\_\_\_; COUTO, Ana Cristina Lima. Agricultura e desenvolvimento: as ideias agrícolas de Raúl Prebisch. A Economia em Revista-AERE, v. 15, n. 2, p. 64-73, 2011. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/laboratorio/ojs/index.php/EconRev/article/view/12975>>. Acesso em 12 Dez. 2018.

CURADO, Marcelo. Industrialização e desenvolvimento: uma análise do pensamento econômico brasileiro. **Economia e Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 609-640, 2013.

Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8642178> Acesso em 09 Jan. 2018.

D'ARBO, Renata. Progresso técnico e subdesenvolvimento: uma síntese das abordagens de Raúl Prebisch, Ragnar Nurkse e Celso Furtado nos anos 50. **História Econômica & História de Empresas**, v. 7, n. 2, 2012. Disponível em: <http://www.abphe.org.br/revista/index.php?journal=rabphe&page=article&op=view&path%5B%5D=177&path%5B%5D=138>. Acesso em 01 Mai. 2017

DINIZ, Clélio Campolina. Celso Furtado e o desenvolvimento regional. **Nova economia**, v. 19, n. 2, p. 227-249, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-63512009000200001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512009000200001) Acesso em: 03 Out. 2018.

DOSI, Giovanni. Sources, procedures, and microeconomic effects of innovation. **Journal of economic literature**, p. 1120-1171, 1988. Disponível em: [http://www.jstor.org/stable/2726526?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/2726526?seq=1#page_scan_tab_contents) Acesso em 27 Fev. 2017.

DOSMAN, Edgar. Los mercados y el Estado en la evolución del "manifiesto" de Prebisch. **Revista de la CEPAL**, 2001. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/handle/11362/10777> Acesso em: 21 Set. 2017.

DOS SANTOS, Fábio Pádua. O enfoque histórico-estrutural e a crítica relegada. **Textos de Economia**, v. 14, n. 1, p. 51-81, 2011. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/viewFile/2175-8085.2011v14n1p51/21682>. Acesso em 23 Abr. 2018.

DUARTE, Pedro Henrique Evangelista; GRACIOLLI, Edílson José. A teoria da dependência: interpretações sobre o (sub) desenvolvimento na América Latina. **V Colóquio Internacional Marx e Engels, Campinas, UNICAMP**, 2007. Disponível em: [http://www.unicamp.br/cemarx/anais\\_v\\_coloquio\\_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt3/sessao4/Pedro\\_Duarte.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt3/sessao4/Pedro_Duarte.pdf) Acesso em 31 Mai. 2018.

ECHAVARRÍA, José Medina. Considerações sociológicas sobre o desenvolvimento econômico da América Latina. **BIELSCHOWSKY, Ricardo. Cinquenta anos de pensamento da CEPAL**, v. 1, 2000.

FAJNZYLBER, Fernando. Industrialização na América Latina: da caixa-preta ao "conjunto vazio". **En: Cinquenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 2, p. 850-885, 2000.**

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. As origens e as vertentes formadoras do pensamento cepalino. **Revista brasileira de economia**, v. 54, n. 3, p. 333-358, 2000. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003471402000000300004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471402000000300004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 24 Abr. 2017.

FURTADO, Celso. Desenvolvimento e subdesenvolvimento. **En: Cinquenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 239-262, 2000**

\_\_\_\_\_. Globalização das estruturas econômicas e identidade nacional. **Estudos avançados**, v. 6, n. 16, p. 55-64, 1992. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340141992000300005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141992000300005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 Set. 2017.

\_\_\_\_\_. O fator político na formação nacional. **Estudos avançados**, v. 14, n. 40, p. 7-12, 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142000000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000300002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 Set. 2017.

\_\_\_\_\_. Perspectivas da economia brasileira. 2002. Disponível em: <[https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/11557/1/2BNDES,%20um%20Banco%20de%20Id%C3%A9ias\\_Perspectivas%20da%20Economia%20Brasileira\\_P.pdf](https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/11557/1/2BNDES,%20um%20Banco%20de%20Id%C3%A9ias_Perspectivas%20da%20Economia%20Brasileira_P.pdf)> Acesso em 13 Dez. 2018.

GONÇALVES, Cláudia Pereira. Celso Furtado e a Teoria do Subdesenvolvimento. XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005. Disponível em: <[www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman%26task=doc\\_download%26gid=3D386%26Itemid=3D171+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman%26task=doc_download%26gid=3D386%26Itemid=3D171+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)> Acesso 04 Mai. 2018.

GONÇALVES, Renata da Silva. A CEPAL dos anos 50 e sua influência no pensamento político brasileiro. **Pensamento Plural**, n. 15, p. 115-131, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pensamentoplural/article/view/4184>> Acesso em: 27 Dez. 2018.

GRACIARENA, Jorge. Poder e estilos de desenvolvimento: uma perspectiva heterodoxa. **En: Cinquenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 2, p. 685-713, 2000.**

INTERPRETES DO BRASIL. Não paginado. Disponível em: <<http://www.interpretesdobrasil.org/sitePage/231.av>> Acesso em: 02 mai. 2018.

JUNIOR, Sidnei de Caria. Hiato tecnológico e catching-up: uma abordagem a partir da inovação. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132557/000856008.pdf?sequence=1>> Acesso em: 08 Jun. 2018.

LESSA, Carlos. Conferência sobre o pensamento de Aníbal Pinto. **Revista de Economia Contemporânea**, n. 3, p. 5-11, 1998. Disponível em <[http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/rec/REC%202/REC\\_2.1\\_01\\_Conferencia\\_sobre\\_o\\_pensamento\\_de\\_anibal\\_pinto.pdf](http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/rec/REC%202/REC_2.1_01_Conferencia_sobre_o_pensamento_de_anibal_pinto.pdf)> Acesso em 24 Set. 2017.

LINS, Luiza Cristina de Oliveira et al. DESENVOLVIMENTO SOCIAL: O PROJETO

DE CELSO FURTADO PARA A NAÇÃO BRASILEIRA. 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6607/LINS,%20LUIZA%20CRISTINA%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 15 Mar. 2018.

LÖWY, Michael. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. **Revista Outubro**, v. 1, n. 01, p. 70-80, 1995. Disponível em: <[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39210775/a\\_teor%C3%ADa\\_do\\_developmento\\_desigual\\_e\\_combinado.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1538585638&Signature=QGBLu%2B%2Bbe5%2Fchzvz0RfzQ7wKAw%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA\\_teor%C3%ADa\\_do\\_developmento\\_desigual\\_e\\_c.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39210775/a_teor%C3%ADa_do_developmento_desigual_e_combinado.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1538585638&Signature=QGBLu%2B%2Bbe5%2Fchzvz0RfzQ7wKAw%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_teor%C3%ADa_do_developmento_desigual_e_c.pdf)> Acesso em 25 Abr. 2018.

MACHADO, Luiz Toledo. A teoria da dependência na América Latina. **Estudos avançados**, v. 13, n. 35, p. 199-215, 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340141999000100018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141999000100018&lng=en&nrm=iso)> Acesso em 24 Mai. 2017.

MELO, Tatiana Massaroli; FUCIDJI, José Ricardo; POSSAS, Mario Luiz. Política industrial como política de inovação: notas sobre hiato tecnológico, políticas, recursos e atividades inovativas no Brasil. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 14, p. 11-36, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rbi/article/view/8649098>> Acesso em 07 Mai. 2018.

MENDES, Candido. Celso Furtado: fundação e perspectiva do desenvolvimento. **Dados-Revista de Ciências Sociais**, v. 48, n. 1, 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582005000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582005000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 Set. 2017.

PAULINI, Francisco et al. A DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA NA AGRICULTURA BRASILEIRA NO PÓS-GUERRA, SEGUNDO A ABORDAGEM CONVENCIONAL. **Revista Economia Ensaios**, v. 23, n. 1. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeconomiaensaios/article/view/3631>> Acesso em 28 Abr. 2018.

PINTO, Anibal. *Ni estabilidad ni desarrollo: la política del Fondo Monetario*. 1960.

\_\_\_\_\_. Concentração do progresso técnico e seus frutos no desenvolvimento latino-americano. **PINTO, A. (1967) Distribuição de Renda na América Latina e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1976.

\_\_\_\_\_. Natureza e implicações da “heterogeneidade estrutural” da América Latina. **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Rio de Janeiro, p. 567-583.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**. Leya, 2013.

PORCILE, Gabriel; CURADO, Marcelo. Rigidez na balança comercial e movimentos de capital: uma abordagem estruturalista. **Revista Brasileira de Economia**, v. 56, n.



3, p. 483-495, 2002. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003471402002000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471402002000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 03 Mai. 2017.

POSSAS, Maria Silvia. Maria da Conceição Tavares. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 389-400, 2001. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340142001000300028](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142001000300028)> Acesso em 11 Jul. 2017.

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. **En: Cinquenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 69-136**, 2000.

\_\_\_\_\_. Por uma dinâmica do desenvolvimento latino-americano. **En: Cinquenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 451-488**, 2000.

\_\_\_\_\_. Problemas teóricos e práticos do crescimento econômico. **En: Cinquenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 179-215**, 2000.

RABI, Luiz. **“Brasil, Argentina e o “conjunto vazio”**”. São Paulo: Valor Econômico, 24 de agosto de 2001. Disponível em: <[www.race.nuca.ie.ufrj.br/journal/r/rabi1.doc](http://www.race.nuca.ie.ufrj.br/journal/r/rabi1.doc)> Acesso em 26 Jul. 2018.

REIS, Anna Carolina Saba dos. Desequilíbrio externo e crescimento econômico: uma análise das principais contribuições teóricas e da experiência brasileira no período de 1968-2002. 2012. Disponível em:  
<<http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2127/3/ACSReis.pdf>> Acesso em 02 Mai. 2018.

RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon; BORTOLOTO, Claudimara. O conceito de equidade no desenho de políticas sociais: pressupostos políticos e ideológicos da proposta de desenvolvimento da CEPAL. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 15, p. 793-804, 2011. Disponível em: <  
<https://www.scielo.org/article/icse/2011.v15n38/793-804/>> Acesso em 22 Nov. 2018.

SERRA, José. Aníbal Pinto e o desenvolvimento latino-americano. **Economia e Sociedade**, v. 7, n. 1, p. 1-18, 1998. Disponível em:  
<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643144>>. Acesso em: 24 Set. 2017.

DE SOUSA, Luiz Gonzaga. Economia Industrial. **Edición digital a texto completo acessível em [www. eumed. net/libros/2005/lgs-ei/ANEXOS](http://www.eumed.net/libros/2005/lgs-ei/ANEXOS)**, 2005 Acesso em: 07 Mai. 2018.

SUNKEL, Osvaldo. Desenvolvimento, subdesenvolvimento, dependência, marginalização e desigualdades espaciais: por um enfoque totalizante. **En:**

**Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 2, p. 521-566, 2000.**

SUNKEL, Osvaldo y PAZ, Pedro. El subdesarrollo latinoamericano y la teoría del desarrollo. **1ª ed. México, DF: Siglo Veintiuno, 1970. p.6.** Disponível em <[https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/1604/S33098I59S1\\_es.pdf?sequence=1](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/1604/S33098I59S1_es.pdf?sequence=1)>. Acesso em 04 Abr. 2018.

SUZIGAN, Wilson et al. Competitividade sistêmica: A contribuição de Fernando Fajnzylber. In: **Congresso Brasileiro de História Econômica. 2003.** Disponível em: <[http://www.abphe.org.br/arquivos/2003\\_wilson\\_suzigan\\_suzana\\_cristina\\_fernandes\\_competitividade-sistemica\\_a-contribuicao-de-fernando-fajnzylber.pdf](http://www.abphe.org.br/arquivos/2003_wilson_suzigan_suzana_cristina_fernandes_competitividade-sistemica_a-contribuicao-de-fernando-fajnzylber.pdf)> Acesso em: 03 Out. 2018.

SZMRECSÁNYI, Tamás. Celso Furtado. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 347-362, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340142001000300025&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142001000300025&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 12 Abr. 2017.

TAVARES, M. C. Auge e declínio do processo de substituição de importações no Brasil. 1969 In: Bielschowsky, R. **Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL**, v. 1.

\_\_\_\_\_. Lições Contemporâneas: a questão agrária. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 abr. 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi270408.htm>> Acesso em: 13 Dez. 2018.

TAVARES, M. da C.; BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. Desenvolvimento no Brasil—relembrando um velho tema. **Políticas para a retomada do crescimento—reflexões de economistas brasileiros. Brasília: Ipea, Cepal**, p. 149-84, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/1558/S338981B587.pdf?sequence=1>> Acesso em: 20 Set. 2018.

WOLFE, Marshall. Abordagens do desenvolvimento: de quem e para quê?. **En: Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 2, p. 715-759, 2000.**